



ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA

GRÃOS | SAFRA 2025/26
7º LEVANTAMENTO

Abril 2026

volume 13

NÚMERO

7

Presidente da República

Luiz Inácio Lula da Silva

Ministra do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar (MDA)

Fernanda Machiaveli Morão de Oliveira

Diretor-Presidente Interino da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Silvio Isoppo Porto

Diretor-Executivo Administrativo, Financeiro e de Fiscalização Interino (Diafi)

Lenildo Dias de Moraes

Diretor-Executivo de Desenvolvimento, Inovação e Gestão de Pessoas (Digep)

Lenildo Dias de Moraes

Diretor-Executivo de Operações e Abastecimento (Dirab)

Arnoldo Anacleto de Campos

Diretor-Executivo de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Sílvio Isoppo Porto

Coordenador Técnico

Sílvio Isoppo Porto

Superintendente de Informações da Agropecuária (Suinf)

Aroldo Antonio de Oliveira Neto

Gerente de Acompanhamento de Safras (Geasa)

Fabiano Borges de Vasconcellos

Gerente de Geotecnologias (Geote)

Patrícia Maurício Campos

Equipe técnica da Geasa

Carlos Eduardo Gomes Oliveira
Cleverton Tiago Carneiro de Santana
Couglan Hilter Sampaio Cardoso
Eledon Pereira de Oliveira
Janaína Maia de Almeida
Juarez Batista de Oliveira
Juliana Pacheco de Almeida
Luciana Gomes da Silva
Marco Antônio Garcia Martins Chaves
Martha Helena Gama de Macêdo
Pedro Muller Metsavaht Salomão

Equipe técnica da Geote

Eunice Costa Gontijo
Fernando Arthur Santos Lima
Gabriella de Jesus Teixeira
Lucas Barbosa Fernandes
Lucas Marçal Romeiro Barbosa
Rafaela dos Santos Souza
Tarsis Rodrigo de Oliveira Piffer
Walquiria de Lima Mesquita

Colaboradores

Adonis Boeckmann e Silva (Gerpa – algodão), Danielle Barros Ferreira (Inmet), Flávia Machado Starling Soares (Gerpa – trigo), João Figueiredo Ruas (Gefab – feijão), Leonardo Amazonas (Gerpa – soja), Sérgio Roberto G. S. Júnior (Gerpa – arroz e milho).

Superintendências regionais

Acre, Alagoas, Amazonas, Bahia, Distrito Federal, Ceará, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, São Paulo, Santa Catarina, Sergipe,



Conab Companhia Nacional de Abastecimento



ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA

GRÃOS | SAFRA 2025/26
7º LEVANTAMENTO

Copyright © 2026– Companhia Nacional de Abastecimento – Conab
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Disponível também em: www.gov.br/conab
Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro
Publicação integrante do Observatório Agrícola
ISSN: 2318-6852

Editoração

Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac)
Gerência de Eventos e Promoção Institucional (Gepin)

Diagramação

Guilherme dos Reis Rodrigues e Martha Helena Gama de Macêdo

Fotos

Acervo Conab

Normalização

Márcio Canella Cavalcante - CRB 1/2221

Como citar a obra:

CONAB - COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos, Brasília, DF, v. 13, safra 2025/26, n. 7 sétimo levantamento, abril 2026.

Dados Internacionais de Catalogação (CIP)

C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.

Acompanhamento da safra brasileira de grãos – v.1, n.1 (2013-) – Brasília : Conab, 2013-
v.

Mensal

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Recebeu numeração a partir de out/2013. Continuação de: Mês Agrícola (1977 -1991); Previsão e acompanhamento de safras (1992-1998); Previsão da safra agrícola (1998-2000); Previsão e acompanhamento da safra (2001); Acompanhamento da safra (2002-2007); Acompanhamento da safra brasileira: grãos (2007-)

ISSN 2318-6852

1. Grão. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título.

CDU: 633.61 (81) (05)

SUMÁRIO

CLIQUE NOS ÍCONES À DIREITA E ACESSE OS CONTEÚDOS

7	RESUMO EXECUTIVO
13	INTRODUÇÃO
16	ANÁLISE CLIMÁTICA
23	ANÁLISE DAS CULTURAS
23	ALGODÃO
38	ARROZ
50	FEIJÃO
75	MILHO
93	SOJA
107	TRIGO
110	OUTRAS CULTURAS DE VERÃO
122	OUTRAS CULTURAS DE INVERNO



RESUMO EXECUTIVO

A sétima estimativa, da safra 2025/26, com base nas informações obtidas na pesquisa de campo, realizada em março, indica uma produção de 356,3 milhões de toneladas, 1,2% ou 4,1 milhões de toneladas superior ao registrado na safra 2024/25.

Esse resultado deve-se, principalmente, ao bom desempenho da cultura de soja, com aumento de 7,7 milhões de toneladas; do milho primeira safra, com aumento de 3 milhões de toneladas; e do sorgo, com incremento de 1,4 milhão de toneladas em relação ao volume colhido na safra anterior.

Por outro lado, as demais culturas apresentaram redução na produção, com as maiores quedas observadas no milho segunda safra, menos 4,1 milhões de toneladas, no arroz, menos 1,6 milhão de toneladas, no trigo, menos 1,3 milhão de toneladas, no algodão, menos 339,4 mil toneladas, e no feijão, com redução de 157,7 mil toneladas.

A área plantada, ainda sujeita à confirmação do plantio das culturas de segunda e terceira safras e das culturas de inverno, está estimada em 83,3 milhões de hectares, representando crescimento de 2%. Esse incremento corresponde à incorporação de 1,6 milhão de hectares em relação à safra anterior. Os maiores aumentos de área são observados na soja, mais 1,1

milhão de hectares, no milho primeira e segunda safras, mais 692,5 mil hectares, e no sorgo, mais 392,3 mil hectares.

Para as culturas de inverno, a semeadura ainda é incipiente, devendo se intensificar a partir de meados de abril, enquanto as culturas de terceira safra deverão ser implantadas também a partir desse período.

CLIQUE NOS ÍCONES À ESQUERDA E ACESSE OS CONTEÚDOS

A colheita nos principais estados produtores, em final de março, atingia 36% no Rio Grande do Sul, 83% em Santa Catarina e 30% em Tocantins.

produção em 2,5 milhões de toneladas, com o calendário de plantio entre meados de abril e julho.

TABELA 1 - COMPARATIVO DE ÁREA, PRODUTIVIDADE E PRODUÇÃO POR PRODUTO

Brasil	Estimativa da produção de grãos			Safras 2024/25 e 2025/26					
	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 24/25	Safra 25/26	VAR. %	Safra 24/25	Safra 25/26	VAR. %	Safra 24/25	Safra 25/26	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
ALGODÃO - CAROÇO (1)	2.085,6	2.041,5	(2,1)	2.776	2.670	(3,8)	5.789,9	5.450,5	(5,9)
ALGODÃO - PLUMA	2.085,6	2.041,5	(2,1)	1.957	1.883	(3,8)	4.081,5	3.843,2	(5,8)
AMENDOIM TOTAL	280,4	282,1	0,6	4.136	4.281	3,5	1.159,7	1.207,7	4,1
Amendoim 1ª Safra	273,1	274,8	0,6	4.202	4.351	3,5	1.147,6	1.195,6	4,2
Amendoim 2ª Safra	7,3	7,3	-	1.662	1.681	1,1	12,1	12,1	-
ARROZ	1.763,9	1.533,7	(13,1)	7.233	7.248	0,2	12.757,7	11.117,1	(12,9)
Arroz sequeiro	394,6	280,3	(29,0)	2.935	2.669	(9,0)	1.158,2	748,3	(35,4)
Arroz irrigado	1.369,3	1.253,4	(8,5)	8.471	8.272	(2,3)	11.599,5	10.368,8	(10,6)
FEIJÃO TOTAL	2.693,0	2.583,0	(4,1)	1.136	1.124	(1,1)	3.059,9	2.902,2	(5,2)
FEIJÃO 1ª SAFRA	908,5	803,0	(11,6)	1.170	1.188	1,5	1.062,7	953,5	(10,3)
Cores	347,3	332,0	(4,4)	1.707	1.786	4,6	592,8	592,8	-
Preto	169,0	117,7	(30,4)	1.953	1.777	(9,0)	330,2	209,2	(36,6)
Caupi	392,2	353,3	(9,9)	356	429	20,4	139,7	151,6	8,5
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.400,1	1.353,1	(3,4)	953	921	(3,3)	1.333,6	1.246,0	(6,6)
Cores	294,6	297,0	0,8	1.499	1.507	0,5	441,6	447,6	1,4
Preto	286,6	204,6	(28,6)	1.616	1.652	2,3	463,2	338,2	(27,0)
Caupi	818,9	851,5	4,0	524	540	3,2	428,9	460,1	7,3
FEIJÃO 3ª SAFRA	384,4	426,9	11,1	1.726	1.646	(4,7)	663,7	702,6	5,9
Cores	326,5	361,0	10,6	1.881	1.802	(4,2)	614,2	650,6	5,9
Preto	14,1	14,1	-	1.268	1.145	(9,7)	17,9	16,2	(9,5)
Caupi	43,8	51,8	18,3	721	695	(3,7)	31,6	36,0	13,9
GERGELIM	608,0	596,3	(1,9)	657	627	(4,5)	399,4	374,1	(6,3)
GIRASSOL	61,9	68,0	9,9	1.622	1.615	(0,5)	100,4	109,9	9,5
MAMONA	69,6	76,2	9,5	1.437	1.936	34,7	100,0	147,5	47,4
MILHO TOTAL	21.838,0	22.483,2	3,0	6.464	6.208	(4,0)	141.157,6	139.571,9	(1,1)
Milho 1ª Safra	3.772,6	4.103,1	8,8	6.610	6.816	3,1	24.935,8	27.968,4	12,2
Milho 2ª Safra	17.430,3	17.792,3	2,1	6.496	6.133	(5,6)	113.228,4	109.118,3	(3,6)
Milho 3ª Safra	635,1	587,8	(7,4)	4.714	4.228	(10,3)	2.993,6	2.485,3	(17,0)
SOJA	47.346,1	48.472,7	2,4	3.622	3.696	2,0	171.480,5	179.151,6	4,5
SORGO	1.632,0	2.024,3	24,0	3.739	3.695	(1,2)	6.102,2	7.479,8	22,6
SUBTOTAL	78.378,5	80.161,0	2,3	4.365	4.335	(0,7)	342.107,3	347.512,3	1,6
Culturas de inverno	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	2025	2026	VAR. %	2025	2026	VAR. %	2025	2026	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
AVEIA	545,8	509,0	(6,7)	2.368	2.253	(4,9)	1.292,3	1.146,7	(11,3)
CANOLA	211,9	275,7	30,1	1.627	1.620	(0,4)	344,8	446,5	29,5
CENTEIO	2,1	2,1	-	2.381	2.238	(6,0)	5,0	4,7	(6,0)
CEVADA	139,2	149,9	7,7	4.358	3.898	(10,6)	606,6	584,3	(3,7)
TRIGO	2.445,9	2.220,8	(9,2)	3.219	2.979	(7,5)	7.873,4	6.616,2	(16,0)
TRITICALE	11,4	11,4	-	3.211	2.947	(8,2)	36,6	33,6	(8,2)
SUBTOTAL	3.356,3	3.168,9	(5,6)	3.027	2.787	(7,9)	10.158,7	8.832,0	(13,1)
BRASIL (2)	81.734,8	83.329,9	2,0	4.310	4.276	(0,8)	352.266,0	356.344,3	1,2

Legenda: (1) Produção de caroço de algodão; (2) Exclui a produção de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: estimativa em abril/2026.

TABELA 2 - COMPARATIVO DE ÁREA, PRODUTIVIDADE E PRODUÇÃO POR UF

Região/UF	Comparativo de área, produtividade e produção de grãos - produtos selecionados*						Safras 2024/25 e 2025/26		
	Área (Em mil ha)			Produtividade (Em kg/ha)			Produção (Em mil t)		
	Safra 24/25	Safra 25/26	VAR. %	Safra 24/25	Safra 25/26	VAR. %	Safra 24/25	Safra 25/26	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	5.958,4	6.382,6	7,1	3.804	3.806	0,1	22.664,3	24.292,0	7,2
RR	171,9	181,5	5,6	4.027	3.866	(4,0)	692,3	701,7	1,4
RO	1.242,8	1.275,8	2,7	4.369	4.355	(0,3)	5.429,7	5.555,8	2,3
AC	68,7	73,2	6,6	3.082	3.247	5,4	211,7	237,7	12,3
AM	28,6	32,8	14,7	3.024	2.982	(1,4)	86,5	97,8	13,1
AP	14,0	15,7	12,1	2.143	2.255	5,2	30,0	35,4	18,0
PA	2.023,8	2.237,1	10,5	3.480	3.464	(0,5)	7.042,0	7.749,1	10,0
TO	2.408,6	2.566,5	6,6	3.808	3.863	1,4	9.172,1	9.914,5	8,1
NORDESTE	10.041,6	10.340,4	3,0	3.129	3.203	2,4	31.420,6	33.119,5	5,4
MA	2.257,6	2.321,5	2,8	3.895	3.879	(0,4)	8.792,4	9.006,0	2,4
PI	1.942,6	2.013,9	3,7	3.221	3.421	6,2	6.258,0	6.889,5	10,1
CE	938,7	928,8	(1,1)	379	684	80,2	356,1	634,9	78,3
RN	112,6	107,0	(5,0)	274	392	43,2	30,8	41,9	36,0
PB	224,2	226,1	0,8	388	531	36,8	87,0	120,0	37,9
PE	370,7	368,5	(0,6)	947	930	(1,8)	351,1	342,8	(2,4)
AL	59,3	59,9	1,0	3.578	2.666	(25,5)	212,2	159,7	(24,7)
SE	194,7	194,5	(0,1)	6.738	5.967	(11,4)	1.311,9	1.160,5	(11,5)
BA	3.941,2	4.120,2	4,5	3.558	3.583	0,7	14.021,1	14.764,2	5,3
CENTRO-OESTE	36.724,5	37.757,8	2,8	4.882	4.688	(4,0)	179.286,7	177.016,9	(1,3)
MT	22.300,1	22.801,4	2,2	5.040	4.877	(3,2)	112.395,7	111.194,4	(1,1)
MS	6.645,0	6.893,7	3,7	4.303	4.300	(0,1)	28.596,4	29.646,0	3,7
GO	7.593,0	7.877,2	3,7	4.921	4.477	(9,0)	37.363,1	35.269,4	(5,6)
DF	186,4	185,5	(0,5)	4.997	4.890	(2,1)	931,5	907,1	(2,6)
SUDESTE	6.994,0	7.156,7	2,3	4.311	4.323	0,3	30.153,3	30.940,2	2,6
MG	4.298,0	4.383,2	2,0	4.283	4.326	1,0	18.408,6	18.960,8	3,0
ES	25,2	25,6	1,6	2.829	2.660	(6,0)	71,3	68,1	(4,5)
RJ	2,8	2,6	(7,1)	3.286	3.423	4,2	9,2	8,9	(3,3)
SP	2.668,0	2.745,3	2,9	4.372	4.336	(0,8)	11.664,2	11.902,4	2,0
SUL	22.016,3	21.692,4	(1,5)	4.031	4.194	4,0	88.741,1	90.975,7	2,5
PR	9.954,9	10.038,3	0,8	4.491	4.606	2,6	44.710,3	46.240,0	3,4
SC	1.429,0	1.440,4	0,8	5.690	5.555	(2,4)	8.131,3	8.001,1	(1,6)
RS	10.632,4	10.213,7	(3,9)	3.376	3.597	6,5	35.899,5	36.734,6	2,3
NORTE/NORDESTE	16.000,0	16.723,0	4,5	3.380	3.433	1,6	54.084,9	57.411,5	6,2
CENTRO-SUL	65.734,8	66.606,9	1,3	4.536	4.488	(1,1)	298.181,1	298.932,8	0,3
BRASIL	81.734,8	83.329,9	2,0	4.310	4.276	(0,8)	352.266,0	356.344,3	1,2

Legenda: (*) Produtos selecionados: Carço de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), gergelim, girassol, mamona, milho (1ª, 2ª e 3ª safras), soja, sorgo, trigo e triticale.

Fonte: Conab.

Nota: estimativa em abril/2026.



INTRODUÇÃO

A Conab apresenta os resultados do sétimo levantamento, da safra 2025/26, com atualizações das estimativas de área e produtividade da primeira safra, bem como do andamento da semeadura e das estimativas de cultivo da segunda safra.

A colheita avança nas culturas de primeira safra, com resultados positivos na maioria dos cultivos, tornando o cenário mais definido. Os plantios de segunda safra já se encaminham para a finalização, com o desenvolvimento inicial favorecido pelas boas condições climáticas. As informações de campo indicam algumas alterações de intenção de plantio em virtude das condições climáticas e de análise mercadológica do produto.

A Conab reconhece e agradece o papel fundamental dos colaboradores em todas as Unidades da Federação no levantamento das informações que subsidiam este boletim. Da mesma forma, registramos a colaboração de diversas entidades, públicas e privadas, fornecendo informações que permitam estimar a safra brasileira de grãos.

Como parte da metodologia da estimativa, os dados de produtividade, por cultura e por Unidade da Federação, são inicialmente estimados com o auxílio de modelos estatísticos em relação ao histórico de produtividades

e à perspectiva climática. Os modelos permitem segurança nas previsões, levando em consideração os cenários favoráveis e desfavoráveis às culturas. Os dados gerados são analisados para todas as culturas em todos os estados, considerando as informações climáticas e os pacotes tecnológicos modais de cada estado, também levantados pela Conab.

Ao todo, são analisados mais de 540 dados de área e produtividade. Para as culturas que já avançam no seu ciclo e possuem informações mais consolidadas de campo, iniciam-se as revisões dos números iniciais, e os dados são ponderados de acordo com as condições apresentadas em cada região dos estados.

As análises são feitas a partir das condições meteorológicas, sobretudo chuva e temperatura, observadas ao longo do ciclo da cultura, a partir das interpretações de análises de satélite, principalmente a análise evolutiva e comparativa do Índice de Vegetação por Diferença Normalizada (NDVI), e a partir de investigações de campo, tanto subjetivas, contando com o auxílio da nossa rede de agentes colaboradores, por meio da aplicação de questionários, mensalmente, e coletadas mais de 4.000 informações em todo o Brasil, quanto objetivas, com investigação direta nas lavouras dos fatores de produtividade, além do auxílio de mapeamento das áreas e na integração de sinais de vigor vegetativo, observados por satélite, com o conhecimento de campo da companhia.

Mensalmente, os dados de área, produtividade e produção são atualizados. A estimativa da produção leva em consideração as condições climáticas pontuais, observadas no período de levantamento, assim como os prognósticos para até o final do cultivo.

Nas análises estaduais, são destacados os eventos mais relevantes ocorridos, como início de semeadura, eventos climáticos severos e situação de manejo ou inserção de novas culturas no estado.

A Conab realiza o levantamento da safra brasileira de grãos desde a temporada 1976/77. A constante busca pela qualificação dos dados é exemplificada pela sofisticação dos métodos utilizados pela Conab, para a obtenção dos dados da safra, sobretudo os ligados ao sensoriamento remoto e à modelagem estatística, incrementando as informações obtidas subjetivamente, que trazem tempestividade aos dados.

As informações deste boletim devem ser correlacionadas aos dados numéricos publicados em nossa [planilha de safra](#). Recomendamos a leitura do [Boletim de Monitoramento Agrícola](#) e do [Progresso de Safra](#) para acompanhamento sistemático da safra brasileira de grãos.

Boa leitura!



ANÁLISE CLIMÁTICA¹

ANÁLISE CLIMÁTICA DE MARÇO

Em março de 2026, as chuvas foram acima de 150 mm na Região Centro-Oeste, exceto em áreas da Região Sul, leste da Região Nordeste e norte de Roraima, onde os volumes de chuva foram inferiores a 90 mm e os níveis de umidade do solo foram mais reduzidos.

Em grande parte da Região Norte, os volumes de chuva foram superiores a 150 mm e os maiores volumes concentraram-se no norte do Amapá e nordeste do Pará, onde os acumulados variaram entre 600 mm e 800 mm. Este cenário contribuiu para a manutenção dos níveis de umidade do solo. Somente no norte de Roraima, os totais de chuva foram inferiores a 100 mm, insuficientes para elevar o armazenamento hídrico do solo nesta área.

Na Região Nordeste, as chuvas foram acima de 150 mm em áreas do Maranhão, Piauí, oeste do Ceará, Paraíba, Alagoas e Bahia. Destaque para o noroeste do Maranhão, onde os acumulados variaram entre 100 mm e 600 mm. Nestas áreas, o armazenamento hídrico se manteve elevado, garantindo boas condições para o desenvolvimento dos cultivos de primeira e segunda safra. No restante

¹ Danielle Barros Ferreira – Meteorologista do Inmet – Brasília.

da região, os volumes de chuva foram inferiores a 120 mm, principalmente no leste, onde houve redução dos níveis de umidade do solo.

Bons volumes de chuva foram observados na maior parte da Região Centro-Oeste, com valores superiores a 150 mm, principalmente, em grande parte de Mato Grosso, Goiás e Distrito Federal, onde os níveis de umidade do solo encontram-se elevados, acarretando em boas condições para o desenvolvimento dos cultivos de segunda safra. Já em áreas do sul e oeste de Mato Grosso do Sul, bem como no sul de Mato Grosso, os acumulados de chuva foram menores, havendo redução do armazenamento hídrico do solo.

Na Região Sudeste, as chuvas foram superiores a 120 mm em grande parte da região, mantendo os níveis de umidade do solo elevados. Estas condições vêm favorecendo o manejo e o desenvolvimento dos cultivos de segunda safra.

Na Região Sul, os volumes de chuva foram inferiores a 150 mm em grande parte da região. Em áreas do oeste do Paraná, leste de Santa Catarina, além do nordeste e oeste do Rio Grande do Sul, os volumes foram mais baixos, variando entre 70 mm e 90 mm. Estas condições reduziram a umidade do solo, causando restrição hídrica no desenvolvimento de algumas lavouras de milho segunda safra no Paraná e de soja no Rio Grande do Sul.

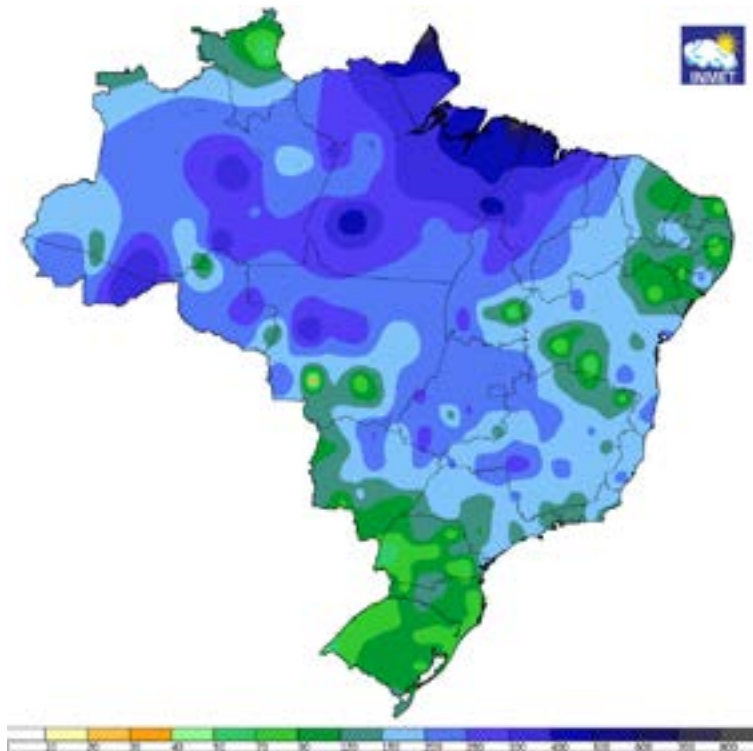
Em março, as temperaturas máximas foram acima de 30 °C nas Regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste. Os maiores valores foram observados no oeste do Paraná, Mato Grosso do Sul, sul de Mato Grosso, norte do Piauí e Ceará, além do oeste do Rio Grande do Norte, Pernambuco e da região do Sealba. Em áreas da costa da Região Sudeste e da Região Sul, os valores permaneceram entre 26 °C e 28 °C. Quanto às temperaturas mínimas, os valores superaram os 22 °C na maior parte das Regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste. Já nas Regiões Sul e Sudeste, as temperaturas foram inferiores

a 22 °C.

1.2. CONDIÇÕES OCEÂNICAS RECENTES E TENDÊNCIA

Na figura a seguir, observa-se a anomalia da Temperatura da Superfície do Mar

FIGURA 1 - ACUMULADO DA PRECIPITAÇÃO PLUVIOMÉTRICA EM MARÇO DE 2026



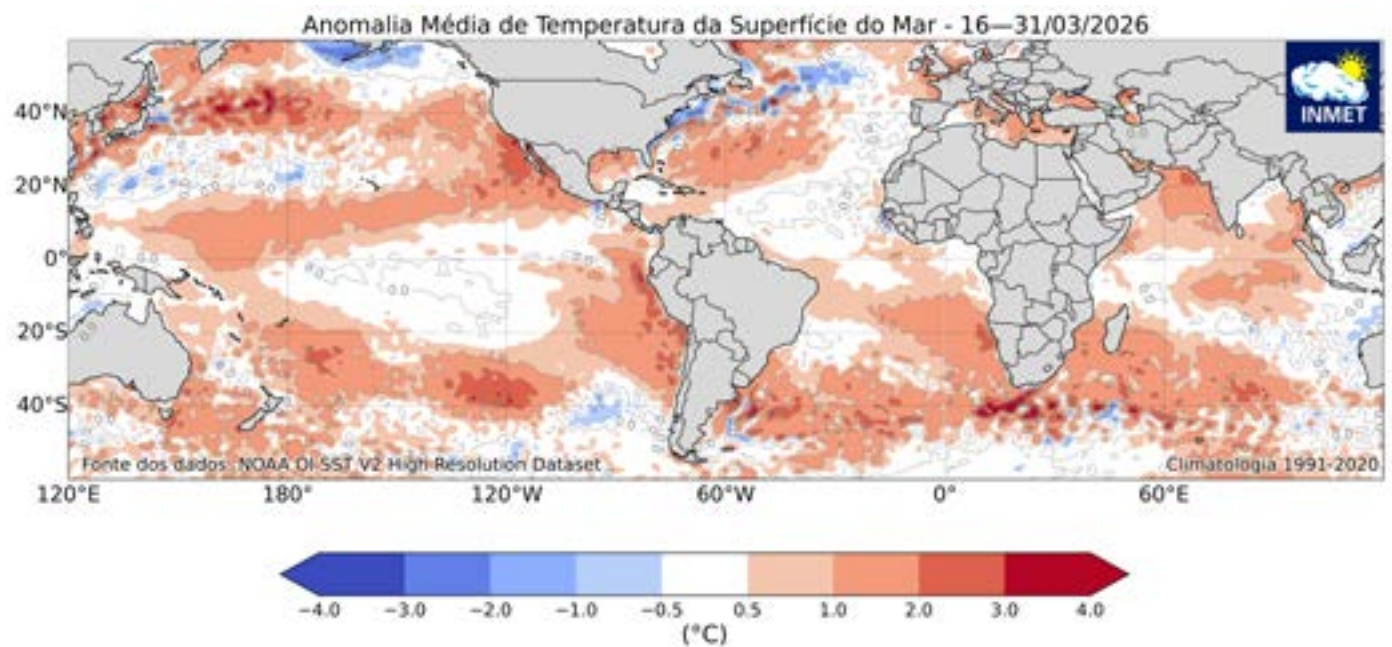
Fonte: Inmet.

(TSM) entre os dias 16 e 31 de março de 2026. Nesse período, registraram-se valores entre 0,5 °C e -0,5 °C ao longo da faixa longitudinal compreendida entre 180° e 100°W, indicando valores próximos à média. Águas mais quentes foram observadas na costa oeste da América do Sul, na faixa entre 80°W e 110°W, com valores variando entre 0,5 °C e 2 °C. Ao analisar especificamente as anomalias médias diárias de TSM na região do Niño 3.4, delimitada entre 170°W e 120°W, verificaram-se valores inferiores a -0,5 °C a partir do final de fevereiro, indicando um rápido aquecimento das águas. Nestes primeiros dias

de abril, estes valores encontram-se positivos e próximos de zero, o que pode indicar o início de uma neutralidade no Oceano Pacífico Equatorial.

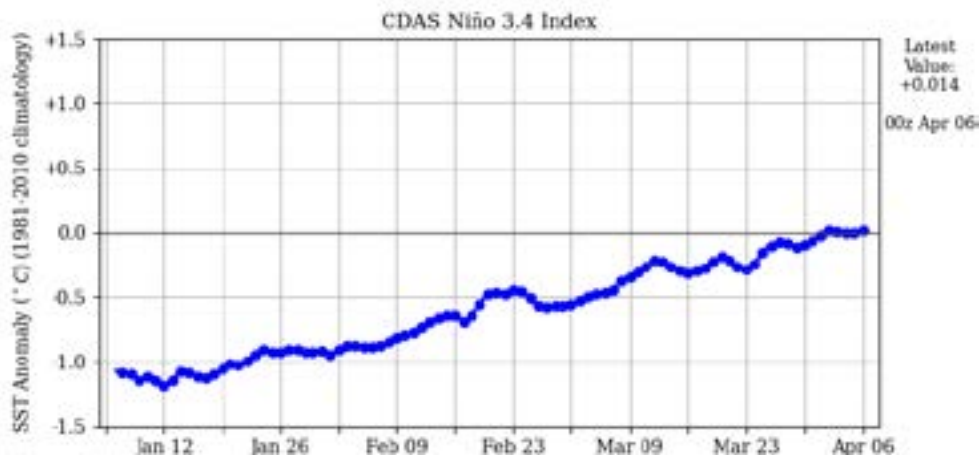
A análise do modelo de previsão do El Niño - Oscilação Sul - ENOS, realizada pelo Instituto Internacional de Pesquisa em Clima - IRI, aponta para a transição das condições de La Niña para a Neutralidade durante o trimestre

FIGURA 2 – MAPA DE ANOMALIAS DE TSM NO PERÍODO DE 16 A 31 DE MARÇO DE 2026



Fonte: NOAA.

GRÁFICO 1 – MONITORAMENTO DO ÍNDICE DIÁRIO DE EL NIÑO/LA NIÑA NA REGIÃO 3.4

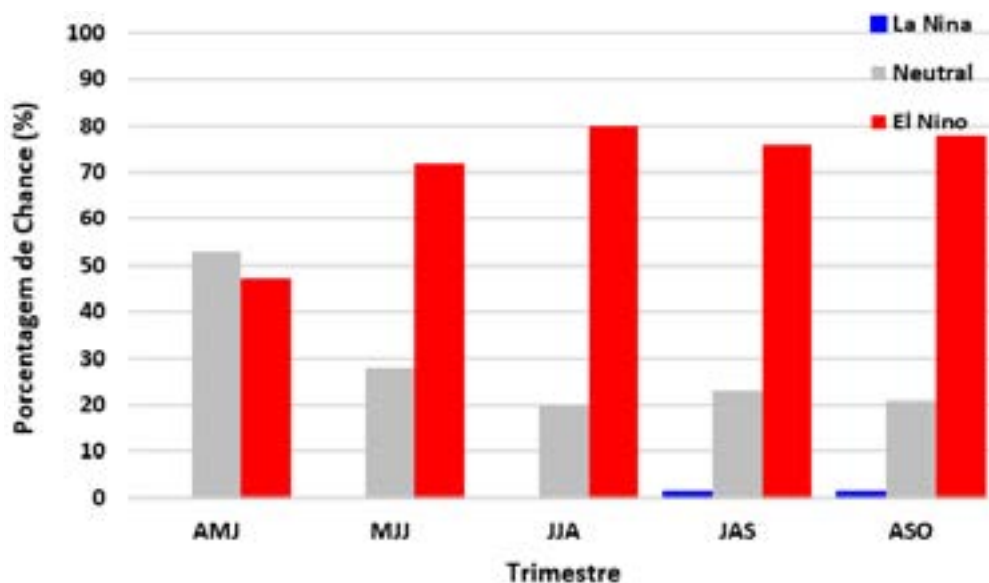


Fonte: <https://www.tropicaltidbits.com/analysis/>.

abril, maio e junho de 2026, com probabilidade de 53%.

1.3. PROGNÓSTICO CLIMÁTICO PARA O BRASIL – PERÍODO ABRIL, MAIO E JUNHO DE 2026

GRÁFICO 2 – PREVISÃO PROBABILÍSTICA DO IRI PARA OCORRÊNCIA DE EL NIÑO OU LA NIÑA



Fonte: IRI - <https://iri.columbia.edu/our-expertise/climate/forecasts/enso/current/>.

As previsões climáticas para os próximos três meses, de acordo com o modelo do Inmet, são apresentadas na figura abaixo. O modelo indica a ocorrência de chuvas acima da média no centro-norte da Região Nordeste, na maior parte da Região Nordeste, em Mato Grosso e Rio Grande do Sul.

Analisando separadamente cada região do país, a previsão indica chuvas próximas e acima da média em grande parte da Região Norte, mantendo elevandos os níveis de umidade do solo. Chuvas mais irregulares são previstas para o sul da região amazônica, principalmente, em maio e junho, podendo reduzir os níveis de umidade no solo.

Na Região Nordeste, a previsão indica chuvas acima da média no centro-

norte da região, porém, na parte sul, pode ter chuvas mais irregulares no final do trimestre, o que deverá reduzir os níveis de umidade do solo, principalmente, em maio, na região do Matopiba.

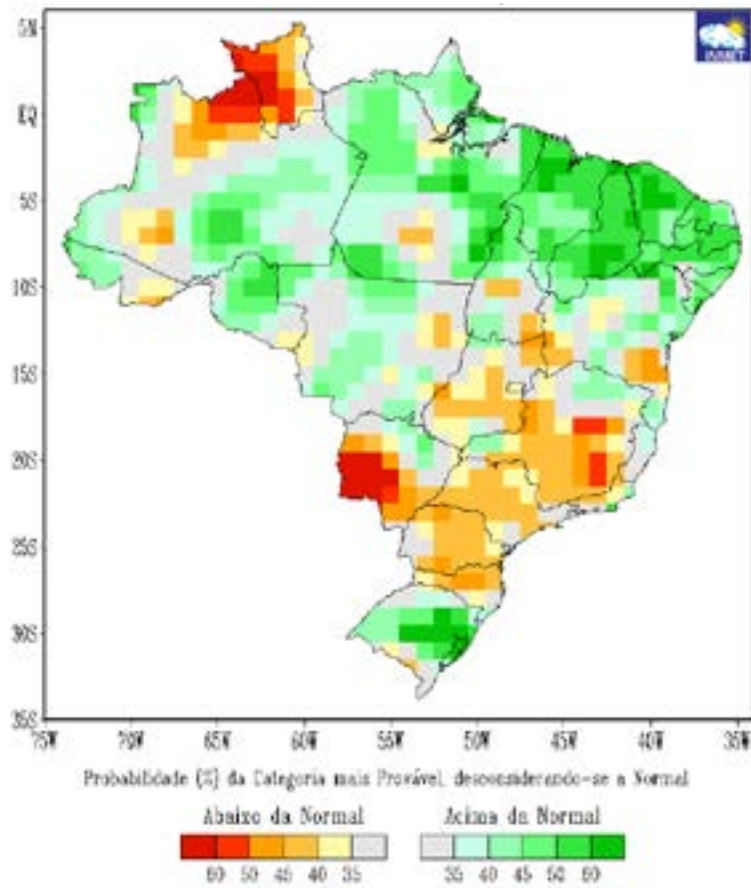
Em grande parte das regiões Centro-Oeste e Sudeste, são previstas chuvas próximas e abaixo da média. Em Mato Grosso e norte de Minas Gerais, Mato Grosso do Sul e Espírito Santo, podem ocorrer volumes acima da média. Entretanto, à medida que se aproxima do inverno, existe uma tendência natural de redução das chuvas, portanto, em maio e junho, os níveis de umidade de solo poderão ser mais baixos.

Na Região Sul, são previstas chuvas abaixo da média no Paraná e Santa Catarina. Já no Rio Grande do Sul, as chuvas podem ficar próximas e acima da média nos próximos meses. Quanto aos níveis de umidade do solo, esses devem permanecer satisfatórios em grande parte da região, a partir de maio.

As temperaturas médias do ar devem permanecer próximas e acima da média histórica em grande parte do país. São previstas temperaturas acima de 25 °C nas Regiões Norte, Nordeste e norte da Região Centro-Oeste. As temperaturas mais amenas e abaixo de 22 °C podem ocorrer nas Regiões Sul e Sudeste, centro-sul de Mato Grosso do Sul, partes leste e sul de Goiás e Distrito Federal. Em áreas mais elevadas das Regiões Sul e Sudeste, as temperaturas podem variar entre 15 °C e 17 °C.

Mais detalhes sobre prognóstico e monitoramento climático podem ser vistos na opção CLIMA do menu principal do [site do Inmet](#).

FIGURA 3 – PREVISÃO PROBABILÍSTICA DE PRECIPITAÇÃO PARA O TRIMESTRE ABRIL, MAIO E JUNHO DE 2026



Fonte: Inmet.

ANÁLISE DAS CULTURAS



ALGODÃO

ÁREA

2.041,5 mil ha

- 2,1%

PRODUTIVIDADE

1.883 kg/ha

- 3,8%

PRODUÇÃO

3.843,2 mil t

- 5,8%

Comparativo com safra anterior.

Algodão em pluma.

Fonte: Conab.

TABELA 3 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - ALGODÃO EM PLUMA

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2019/20	1.665,6	1.802	3.001,6
2020/21	1.370,6	1.721	2.359,0
2021/22	1.600,4	1.596	2.554,1
2022/23	1.663,7	1.907	3.169,9
2023/24	1.944,2	1.904	3.701,4
2024/25	2.085,6	1.957	4.081,5
2025/26	Mar./26	2.013,6	3.795,1
	Abr./26	2.041,5	3.843,2

Fonte: Conab.

ANÁLISE DA CULTURA

A produção de pluma de algodão, da safra 2025/26, é de 3.843,2 mil toneladas. Esse volume é 5,8% inferior ao da safra passada. A redução de área no principal produtor, Mato Grosso, constitui o fator central para esse recuo na produção.

ANÁLISE ESTADUAL

Mato Grosso: o balanço hídrico favorável tem assegurado a manutenção da umidade do solo, com precipitações acumuladas e índices de insolação em padrões ideais, contribuindo para o desenvolvimento vegetativo da cultura. De forma geral, as chuvas foram adequadas para o bom desempenho do algodoeiro.

Contudo, na região sudeste, a cultura de segunda safra enfrenta desafios operacionais decorrentes do excesso de umidade, com registros de replantios pontuais. A continuidade das chuvas tem dificultado a entrada de maquinário em campo, comprometendo o manejo fitossanitário preventivo. Assim, permanece elevado o estado de alerta para o bicudo-do-algodoeiro e o complexo de lagartas.

Bahia: as precipitações foram volumosas, regulares e bem distribuídas, com ocorrência pontual de chuvas mais intensas, porém sem causar prejuízos às lavouras. A adequada disponibilidade hídrica no solo tem favorecido o desenvolvimento da cultura.

Estima-se aumento da área cultivada em relação ao sexto levantamento, impulsionado pela expansão das áreas irrigadas, em contraste com a redução do cultivo de sequeiro. A retração no sequeiro está associada ao maior risco climático e à queda das cotações no segundo semestre, enquanto a expansão

das áreas irrigadas vai ao encontro da valorização no mercado internacional e do avanço da comercialização.

As condições climáticas permanecem favoráveis, e as lavouras apresentam bom desenvolvimento, sem prejuízos expressivos por pragas e doenças. Ainda assim, os produtores seguem atentos à infestação de mosca-branca e bicudo-do-algodoeiro.

No caso da mosca-branca, há propensão de migração das populações oriundas das lavouras de soja em final de ciclo para as áreas de algodão em frutificação, podendo comprometer a qualidade e a produtividade da fibra. Em relação ao bicudo, observa-se maior infestação nesta safra em comparação à anterior, porém sem registro de danos econômicos até o momento, sendo esse aumento atribuído à dificuldade de manejo de plantas voluntárias durante o período de vazio sanitário.

Quanto ao estágio fenológico, as áreas de sequeiro encontram-se predominantemente em fase de formação de maçãs, enquanto as lavouras irrigadas seguem em desenvolvimento vegetativo.

Minas Gerais: as lavouras de algodão, de maneira geral, apresentam bom desenvolvimento no estado. Apesar das chuvas constantes e volumosas nos últimos meses, não foram observados danos significativos até o momento, tendo em vista que a cultura ainda se encontrava em transição do estágio vegetativo para o reprodutivo.

Atualmente, a maior parte das lavouras já apresenta botões florais formados e início da formação de maçãs. Caso o cenário climático permaneça chuvoso, há risco de impactos, uma vez que, nessa fase, o potencial produtivo passa a ser definido.

Em relação à área, observa-se redução na estimativa cultivada em relação à safra anterior, uma vez que parte dos produtores não conseguiu realizar a colheita da soja dentro da janela ideal, optando pela desistência do plantio do algodão.

Por outro lado, o aumento da participação das áreas irrigadas em relação às de sequeiro eleva a expectativa de produtividade da cultura.

Mato Grosso do Sul: do ponto de vista climatológico, houve a retomada das chuvas no período, com volumes considerados satisfatórios. No entanto, o aumento das precipitações já demanda atenção quanto à maior incidência de doenças, exigindo que os produtores avaliem a necessidade de intensificar as pulverizações preventivas.

Na região sul, o clima tem favorecido as lavouras desde a implantação até o momento atual, com predominância dos estádios de florescimento e formação de maçãs.

Nas regiões norte e centro, embora a semeadura tenha ocorrido em épocas distintas, as condições também são consideradas favoráveis, com boa umidade no solo e uniformidade das plantas, predominando o estágio de florescimento.

Por outro lado, a elevada pressão de mosca-branca tem exigido monitoramento constante e manejo fitossanitário intensificado, com realização frequente de pulverizações, especialmente voltadas ao controle do bicudo-do-algodoeiro.



Foto 1 - Algodão - Formação de maçãs - Aral Moreira-MS

Fonte: Conab.

Maranhão: o cultivo da primeira safra de algodão ocorre nos municípios de Balsas, Tasso Fragoso e Alto Parnaíba, no sul do estado, concentrando a maior parte da área cultivada. O plantio foi realizado entre dezembro de 2025 e janeiro de 2026, com leve atraso em relação aos anos anteriores.

As lavouras apresentam bom estabelecimento, com adequado estande, uniformidade de desenvolvimento e vigor vegetativo, encontrando-se predominantemente em fase de floração. Esse estágio demanda maior atenção ao manejo fitossanitário, em virtude da intensificação da pressão do bicudo-do-algodoeiro, lagartas e mosca-branca, elevando o risco de danos às estruturas reprodutivas.

Além disso, o elevado volume de chuvas no período tem favorecido o aumento da incidência de doenças, como mancha-alvo e ramulária, já observadas na safra atual, em decorrência das condições de alta umidade

e menor incidência de radiação solar. Ainda assim, as unidades produtivas têm reforçado o monitoramento e realizado o controle dos focos de pragas e doenças por meio de aplicações de defensivos.

Em relação à área, observa-se aumento em comparação ao ano anterior, associado principalmente à substituição de áreas anteriormente ocupadas com soja, influenciada pelo atraso das chuvas no início do período de plantio. Também houve ajuste positivo em relação ao levantamento anterior, em razão da atualização das informações das unidades produtivas.

Dessa forma, a produção estimada apresenta crescimento em relação ao ciclo passado, refletindo a expansão da área cultivada e às condições favoráveis ao desenvolvimento inicial da cultura.

A segunda safra de algodão foi implantada entre o final de janeiro e o início de fevereiro de 2026, após o início da colheita das primeiras áreas de soja, nos municípios de Balsas e Tasso Fragoso, no sul do estado. As lavouras encontram-se em desenvolvimento vegetativo, com formação inicial de botões florais e bom estabelecimento.

A área de plantio da segunda safra apresenta redução em comparação à safra anterior, em virtude das chuvas irregulares no final de outubro de 2025, que atrasaram o plantio da soja e limitaram a janela de semeadura. Entretanto, em relação ao levantamento anterior, houve ajuste positivo na área, decorrente da inclusão de novas informações de unidade produtiva em Tasso Fragoso.

A produtividade estimada para a safrinha apresenta expectativa positiva, condicionada à ocorrência de chuvas em abril e maio, período determinante para a definição do potencial produtivo das lavouras. Ainda assim, a produção

estimada de algodão em caroço tende a ser inferior à registrada na safra anterior.

No consolidado estadual, a área total cultivada apresenta redução em relação à safra passada, embora registre aumento frente ao levantamento anterior. Da mesma forma, a produção prevista permanece abaixo do volume obtido no ciclo anterior.

Piauí: para esta safra, o início antecipado do período chuvoso no sudoeste do estado favoreceu a implantação e o bom desenvolvimento da cultura.

Observa-se área superior à da safra passada e, diante do bom desenvolvimento das lavouras e do aumento das áreas irrigadas, há expectativa de incremento na produtividade.

A cultura encontra-se majoritariamente em fase de floração, com áreas já em formação de maçãs.

Goiás: a maior parte das lavouras de algodão encontra-se em plena fase reprodutiva, com predominância dos estádios de floração e formação de maçãs nas porções inferiores das plantas.

Na região leste, as lavouras têm sofrido ataque de mosca-branca e bicudo, exigindo monitoramento intensivo para garantir a qualidade da formação de maçãs. Ainda nessa região, em virtude das chuvas e da alta umidade, observa-se ocorrência de mancha de ramulária. No Sudoeste, há registro de pressão de lagartas em algumas áreas, visto que as biotecnologias empregadas não têm sido suficientes para o controle, demandando aplicações adicionais de inseticidas.

Os tratos culturais, como adubação de cobertura e aplicações de defensivos

para controle de pragas e doenças, seguem sendo realizados de forma contínua nas regiões produtoras. Neste momento, a principal atenção dos produtores está voltada ao controle do bicudo-do-algodoeiro, praga que pode causar danos significativos durante a fase de formação dos capulhos.

Até o momento, há registro pontual de queda de maçãs em algumas áreas da região sul, associada ao excesso de chuvas. Ainda assim, o regime hídrico ao longo de março, mesmo com distribuição irregular, foi suficiente para sustentar o bom desenvolvimento da cultura. A intensificação das chuvas na segunda quinzena contribuiu para a recomposição da umidade do solo, favorecendo a fase de formação e enchimento de maçãs. Essa condição, aliada a períodos de boa luminosidade e temperaturas mais amenas nesta safra, proporcionou ambiente favorável ao desenvolvimento das lavouras, com menor pressão de pragas.

As primeiras colheitas no estado estão previstas para a segunda quinzena de junho.

Rondônia: em março, a cultura do algodão enfrenta período crítico de elevada pluviosidade, característica do clima tropical úmido da região. O excesso de chuvas pode prejudicar o desenvolvimento das plantas, elevar a umidade do solo e dificultar a condução da cultura nas fases de desenvolvimento vegetativo e formação de botões florais, exigindo manejo mais intensivo para evitar a ocorrência de doenças.

Nesse contexto, o manejo técnico adequado, com foco no controle fitossanitário e na drenagem do solo, torna-se fundamental para a manutenção do potencial produtivo. A cultura, geralmente conduzida como safrinha, encontra-se em predomínio do desenvolvimento vegetativo e início da floração, havendo áreas já com formação inicial de capulhos.

A elevada umidade favorece o aumento da pressão de pragas e doenças, demandando intensificação do monitoramento e das intervenções de controle. O excesso de chuvas, típico deste período, representa o principal fator de risco, podendo reduzir a radiação solar, dificultar as operações de manejo e comprometer o desempenho produtivo final.

Tocantins: as lavouras da primeira safra encontram-se em fase de formação de maçãs, considerada etapa crítica do ciclo, exigindo manejo rigoroso, especialmente no controle do bicudo-do-algodoeiro, a fim de evitar danos econômicos. Observa-se redução na área destinada ao algodão safra, com produtores optando pela soja, além do registro de menor área para o plantio do algodão safrinha.

A cultura de segunda safra está em fase reprodutiva, com chuvas regulares favorecendo o desenvolvimento das lavouras, que apresentam bom estado vegetativo e adequada sanidade. As áreas mais adiantadas já iniciam a emissão das primeiras flores, enquanto a maior parte encontra-se em fase de formação de botões florais. As condições climáticas têm contribuído para o bom estabelecimento da cultura.

De forma geral, há retração da área cultivada, tanto para o algodão safra quanto para a safrinha, com substituição por soja e milho. Essa redução está associada a fatores mercadológicos, carga tributária e custos logísticos, especialmente em virtude da distância até às unidades de beneficiamento.

Adicionalmente, foram observados problemas pontuais de lesões radiculares causadas por ataque de *Scutigerella*, principalmente em áreas com maior presença de cascalho, resultando em redução de estande e desenvolvimento comprometido das plantas.



Foto 2 - Algodão - Desenvolvimento vegetativo - Nova Rosalândia-TO

Fonte: Conab.

São Paulo: com a proximidade da colheita, na região sudoeste as operações devem se iniciar a partir da segunda quinzena de abril, havendo preocupação quanto à umidade, uma vez que, em razão das chuvas, o algodão colhido pode permanecer por algum tempo no solo, o que pode comprometer sua qualidade.

No município de Riolândia, a colheita deverá ocorrer de forma mais tardia, entre o final de maio e junho, em razão do calendário de plantio mais avançado na região.

Paraná: em março, as regiões produtoras têm a característica de redução gradual da pluviosidade e da manutenção de temperaturas elevadas no norte e noroeste. Esse cenário de maior estabilidade atmosférica e radiação solar favorece diretamente a maturação final e a abertura de capulhos, preservando a integridade da fibra contra o excesso de umidade e permitindo o avanço da dessecação natural.

Apesar do aumento da amplitude térmica típico da transição para o outono, o clima atual oferece condições operacionais seguras para o início da colheita nas áreas de ciclo mais precoce.

Cultura totalmente plantada, com parte em 70% de floração, 20% em frutificação e 10% em maturação. As condições das lavouras estão distribuídas entre boas 80% e regulares 20%, afetadas pelas condições climáticas adversas.

Pará: as condições climáticas têm sido favoráveis ao desenvolvimento da cultura, que se encontra predominantemente em fase de floração. As lavouras apresentam boas condições de campo, sem registros relevantes de incidência de pragas.



Foto 3 - Algodão - Floração - Santana do Araguaia-PA

Fonte: Conab.

Paraíba: o verão paraibano foi caracterizado por temperaturas elevadas e precipitações entre normal e abaixo da média histórica, sobretudo nas regiões do interior do estado. As chuvas tendem a apresentar distribuição irregular ao longo da estação, com volumes concentrados em curtos períodos e intervalos mais prolongados de tempo seco.











No Sertão, após bom volume e distribuição de chuvas em fevereiro, ocorreu veranico na primeira quinzena de março, impactando negativamente o desenvolvimento das lavouras. Até o momento, apenas 15,7% da intenção de plantio foi efetivada, com a maior parte das áreas em estágio de desenvolvimento vegetativo e condição geral considerada boa.

Na região litorânea, a expectativa é de consolidação do plantio a partir de abril, acompanhando a evolução das condições climáticas.

Ceará: a perspectiva para 2026 indica chuvas abaixo da média, embora, até o momento, em termos de volume, as chuvas apresentam comportamento satisfatório.

Para esta safra, o algodão deve registrar aumento de área, impulsionado pelo programa “Oportunidade de Ouro”, do governo estadual, que oferece incentivo aos tratos culturais e garantia de preço ao produtor no momento da colheita.

QUADRO 1 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS

Legenda - Condição hídrica			
 Favorável	 Baixa Restrição - Falta de Chuva	 Baixa Restrição - Excesso de Chuva	 Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	 Média Restrição - Falta de Chuva	 Média Restrição - Excesso de Chuva	 Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	 Alta Restrição - Falta de Chuva	 Alta Restrição - Excesso de Chuva	 Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção* %	Algodão - Safra 2025/2026										
			NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET
RO	Leste Rondoniense	0,48			S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM/M	FM/M	M/C	C	
TO	Oriental do Tocantins	0,29		S/E	E/DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C	
MA	Sul Maranhense - 1ª Safra	1,57		S/E	E/DV	DV/F	F/FM	FM	M	M/C	C	C	
	Sul Maranhense - 2ª Safra			S	S/E/DV	DV/F	F	FM	FM/M	M/C	M/C	C	
PI	Sudoeste Piauiense	1,21		S/E	E/DV	DV	F/FM	FM/M	FM/M	M/C	M/C	C	
BA	Extremo Oeste Baiano	17,16	S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/FM	DV/FM	F/FM	FM/M	FM/M/C	FM/M/C	M/C	C

Continua

UF	Mesorregiões	Produção* %	Algodão - Safra 2025/2026										
			NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET
MT	Norte Mato-grossense - 1ª Safra	52,93		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C	
	Norte Mato-grossense - 2ª Safra			S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Nordeste Mato-grossense - 1ª Safra	6,93		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C	
	Nordeste Mato-grossense - 2ª Safra			S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Sudoeste Mato-grossense - 1ª Safra	0,95		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C	
	Sudoeste Mato-grossense - 2ª Safra			S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Centro-Sul Mato-grossense - 1ª Safra	0,81		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C	
	Centro-Sul Mato-grossense - 2ª Safra			S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Sudeste Mato-grossense - 1ª Safra	11,90		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C	
	Sudeste Mato-grossense - 2ª Safra			S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
MS	Leste de Mato Grosso do Sul - 1ª Safra	1,53		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Leste de Mato Grosso do Sul - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C		
GO	Leste Goiano - 1ª Safra	0,59	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/FM	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Leste Goiano - 2ª Safra			S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	F/FM	FM/M	M/C	C	C	
	Sul Goiano - 1ª Safra	1,06		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Sul Goiano - 2ª Safra			S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	F/FM	FM/M	M/C	C	C	
MG	Noroeste de Minas - 1ª Safra	0,64	S/E	S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Noroeste de Minas - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	F/FM	FM/M	M/C	C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - 1ª Safra	0,61		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	F/FM	FM/M	M/C	C	C	

Legenda: (PS)=pré-semearia; (S)=semearia; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FM)=formação de maçãs; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2024) / Conab.

OFERTA E DEMANDA

De acordo com o sétimo levantamento, da safra 2025/26, realizado pela Conab, a safra de algodão em pluma deverá ocupar uma área de 2,04 milhões de hectares, com uma produtividade média estimada de 1,88 t/ha. Em comparação com a safra anterior, observa-se uma redução de 2,1% e 3,8%, respectivamente. A redução da produtividade está relacionada à previsão de fatores climáticos, enquanto a redução da área é uma decisão do produtor, motivada pela queda da rentabilidade do produto desde a última safra. Assim, projeta-se que a safra atual alcance 3,8 milhões de toneladas,

representando uma redução de 5,8% em comparação com a safra anterior.

A qualidade e a competitividade do algodão brasileiro têm sido determinantes para a conquista de novos mercados e o aumento das vendas para clientes já consolidados. De modo similar ao que ocorreu em fevereiro, as exportações da pluma apresentaram um desenvolvimento expressivo em março, com média diária superior a 15 mil toneladas nas três primeiras semanas. A demanda global tem se mostrado bastante ativa, especialmente devido a algumas aquisições realizadas pela China. A expectativa para 2026 é de exportações de aproximadamente 3,2 milhões de toneladas, representando um crescimento de 6,6% em relação ao ano anterior.

A expectativa para o corrente ano é de um crescimento de 1,4% no consumo interno de algodão em pluma, com uma produção prevista de 730 mil toneladas. Espera-se que este volume seja o maior desde 2014. No entanto, fatores como a desaceleração da economia brasileira, provocada por uma elevada taxa de juros, e um cenário geopolítico global cheio de incertezas, podem resultar em uma retração do consumo.

Diante do cenário de queda de produção, aumento das exportações e maior consumo interno de algodão, projeta-se um recuo de 4,1% no estoque final, finalizando o ano de 2026 em 2,6 milhões de toneladas.

TABELA 4 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - ALGODÃO EM PLUMA -EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL	
2019/20	1.427,3	3.001,6	2,2	4.431,1	690,0	2.125,4	1.615,7	
2020/21	1.615,7	2.359,0	4,6	3.979,3	720,0	2.016,6	1.242,7	
2021/22	1.242,7	2.554,1	2,3	3.799,1	675,0	1.803,7	1.320,4	
2022/23	1.320,4	3.173,3	1,7	4.495,4	710,0	1.618,2	2.167,2	
2023/24	2.167,2	3.701,1	1,1	5.869,4	695,0	2.774,3	2.400,1	
2024/25	2.400,1	4.081,5	0,8	6.482,4	720,0	3.026,0	2.736,4	
2025/26	mar/26	2.731,0	3.795,1	1,0	6.527,1	725,0	3.225,0	2.577,1
	abr/26	2.736,4	3.843,2	1,0	6.580,6	730,0	3.225,0	2.625,6

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2026.

Estoque de passagem - 31 de dezembro.

Para mais informações sobre o progresso da safra de algodão, [clique aqui](#).



ARROZ

ÁREA

1.533,7 mil ha

- 13,1%

PRODUTIVIDADE

7.248 kg/ha

+ 0,2%

PRODUÇÃO

11.117,1 mil t

-12,9%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab.

TABELA 5 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - ARROZ

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)	
2018/19	1.702,5	6.158	10.483,6	
2019/20	1.665,8	6.713	11.183,4	
2020/21	1.679,2	7.007	11.766,4	
2021/22	1.617,3	6.666	10.780,5	
2022/23	1.479,6	6.780	10.031,8	
2023/24	1.606,6	6.583	10.577,0	
2024/25	1.764,0	7.232	12.757,5	
2025/26	Mar./26	1.548,9	7.216	11.177,4
	Abr./26	1.533,7	7.248	11.117,1

Fonte: Conab.

Nota: *variação (percentual) em relação à safra passada.

ANÁLISE DA CULTURA

A safra 2025/26, da produção de arroz, está com a semeadura concluída, e a colheita já avança conforme a maturação dos grãos nas lavouras implantadas. Em destaque na operação de colheita tem-se as áreas em Santa Catarina, com mais de 80% colhida, Goiás com a colheita quase finalizada e Pará tendo já concluído a operação.

Na área de maior produção nacional, no Rio Grande do Sul, o plantio foi concluído e a colheita tem seguido, havendo lentidão no andamento devido à ocorrência das chuvas na região. Confirma-se a estimativa de redução no plantio em comparação com o ciclo anterior, principalmente em razão de condições mercadológicas, que, de uma forma geral, influenciaram de forma muito expressiva na decisão do plantio; as lavouras estão em sua maioria em fase de enchimento de grãos e maturação.

A estimativa mostra uma redução da área de produção, comparando-se com a safra anterior, tanto no cultivo do arroz de sequeiro quanto sob irrigação, sendo a área de arroz irrigado estimada em 1.253,4 mil hectares, enquanto que o arroz de sequeiro a estimativa indica uma área de 280,3 mil hectares, sendo a produção estimada ainda a ser confirmada no decorrer do monitoramento da atual safra.

ANÁLISE ESTADUAL

Rio Grande do Sul: a colheita foi iniciada em todas as regiões do estado, e o tempo firme tem colaborado. Estima-se que a operação se estenda até o final de abril e início de maio. O percentual colhido já alcança 36% da área cultivada. Do restante das áreas cultivadas, a maior parte está com 37% em maturação e algumas lavouras mais tardias ainda com 26% em enchimento de grãos e 1% em florescimento.

De forma geral, a condição das lavouras é boa, favorecida pela disponibilidade de água e radiação solar. Entretanto, em algumas lavouras, as estimativas de produtividade estão abaixo da safra passada, fator atribuído ao menor uso de tecnologia e insumos, a ocorrência pontual de extremos de temperatura na fase reprodutiva (floração), menor radiação solar no emborrachamento e enchimento de grãos, aumentando o número de grãos chochos e/ou falhados.

As lavouras colhidas até o momento apresentam bom rendimento e qualidade dos grãos, chegando a 62% de grãos inteiros, mantendo a estimativa de produtividade.

Santa Catarina: a cultura do arroz irrigado vem apresentando desenvolvimento dentro da normalidade, sem registro de ocorrências adversas de grande impacto. A fenologia indica predominância das fases de maturação e colheita, com maior avanço das lavouras na região norte do estado, em relação às áreas do sul. No início do ciclo, foram observadas dificuldades no manejo de plantas daninhas, associadas à combinação de chuvas mais intensas até aproximadamente os 45 dias após o plantio e limitações no manejo da lâmina de água.

Esse cenário favoreceu o aumento da infestação de espécies de plantas competidoras, onde, apesar dessas intercorrências iniciais, as condições climáticas subsequentes foram favoráveis ao desenvolvimento da cultura, resultando em elevado vigor das lavouras e produtividades dentro da média em diversas regiões. No aspecto fitossanitário, observou-se baixa incidência de brusone, com necessidade reduzida de intervenções. As condições mais secas durante o período de colheita favoreceram o andamento das operações, contribuindo para a qualidade do grão colhido.

Tocantins: na primeira quinzena do mês de março ocorreram chuvas volumosas e contínuas, dificultando o avanço da colheita do arroz irrigado. Na Lagoa da Confusão, estima-se que 25% das áreas já foram colhidas, apresentando bons rendimentos. Apesar da diminuição da área plantada nesta safra, a tendência é de uma ótima colheita, com previsões de maiores produtividades devido às ótimas condições das lavouras e qualidade do produto colhido. Em relação ao plantio da segunda safra do cultivo irrigado,

as chuvas acabaram paralisando as operações em campo, mas a cultura está bem estabelecida, já sendo realizado os devidos tratamentos culturais iniciais incluindo o controle de plantas daninhas e adubações. Quanto ao cultivo do tipo sequeiro, já tem áreas em colheita, e na região de Goiatins, tem-se o registro de plantio em áreas de abertura com o arroz, ainda em fase de desenvolvimento vegetativo.



Foto 4 - Arroz irrigado - Maturação - Formoso do Araguaia-TO

Fonte: Conab.

Maranhão: o plantio do arroz de sequeiro foi iniciado em dezembro de 2025 e ocorreu até meados de fevereiro de 2026, e as lavouras atualmente encontram-se em diversos estágios fenológicos, mas principalmente em floração e enchimento de grãos, já com áreas iniciando a fase de maturação dos grãos. A colheita deve ocorrer entre abril e junho de 2026.

A área de plantio de arroz de sequeiro no estado apresentou uma significativa retração em todas as regiões produtoras, em diferentes proporções, devido, principalmente, aos preços baixos do produto no mercado, inclusive, em algumas regiões, abaixo do custo de produção, o que desestimulou o plantio,

ocorrendo substituição para culturas mais rentáveis, como soja ou milho. Na região sul do estado, áreas tradicionais de arroz foram abandonadas devido à falta de chuvas, ocorrendo a substituição pelo cultivo da soja em algumas outras regiões. Outro fator a ser considerado, para a redução de plantio, é a diminuição ou mesmo ausência de abertura de novas áreas de cultivo, quando utilizam o arroz como cultura pioneira.

Além disso, a menor intenção de plantio tem ocorrido devido à dificuldade na comercialização, crédito para custeio e aumento nos custos de produção, principalmente quando relacionado às pequenas áreas de produção da agricultura familiar. Diante de tal situação, houve ajuste na área com redução, em comparação ao levantamento anterior, devido à identificação de não ter ocorrido o plantio em áreas das regiões norte, centro, oeste e leste do estado, assim como redução na produtividade devido à redução de área de cultivo com uso de alta tecnologia.

Já em relação ao cultivo de arroz irrigado no estado, o plantio ocorreu na última semana de junho e foi finalizado em dezembro de 2025, correspondendo a aproximadamente 6% da área de produção de arroz total. No entanto, parte considerável da área semeada de Viana e Grajaú teve que passar por replantio, devido à infestação de pragas e por baixa germinação de sementes, não sendo possível semear toda a área prevista, além da condição de baixos preços do produto no mercado, que desestimulou o plantio, ocorrendo também elevados custos na produção. A colheita do arroz irrigado foi realizada entre outubro de 2025 e janeiro de 2026, confirmando então a redução de área plantada nesta safra.

Piauí: para as áreas com cultivo irrigado, o período de plantio da cultura no estado ocorre em maio. Para esta safra deve manter uma área similar à da safra anterior, mas com provável redução. Já as áreas com o cultivo

em sequeiro ocorrem geralmente nas áreas da agricultura familiar e com maior frequência na região semiárida do estado, porém tem-se observado a implantação da cultura também na região norte em aberturas de áreas para cultivo de soja.

A semeadura se concentra historicamente em dezembro e janeiro, iniciando pela região sudoeste do estado em virtude do bom nível de umidade do solo já a partir do início de novembro. Para esta safra deve-se confirmar uma redução de área em relação à safra anterior.

Rondônia: as condições climáticas foram de chuvas acima da média, com clima quente e úmido, garantindo temperaturas ótimas para o cultivo (20 °C a 35 °C), mas exigindo atenção a doenças fúngicas, podendo ainda dificultar a colheita. Boa parte das lavouras está em maturação de grãos, com colheita iniciada na segunda metade de março já alcançando mais de 90% das áreas. Por questões principalmente mercadológicas, a decisão de plantio, ainda na janela ideal, foi influenciada nas expectativas desta safra.

Goiás: o regime de chuvas foi benéfico para a cultura, exceto em algumas regiões onde as precipitações ocorreram na fase de pré-colheita. A área estimada se manteve. Na região de São Miguel do Araguaia a colheita seguiu de forma gradual, restando somente 5% que ainda não atingiu o ponto ideal de maturação para a colheita, e as lavouras já colhidas estão apresentando um bom rendimento.

Paraná: no ciclo do arroz irrigado ocorreram oferta hídrica adequada e temperaturas favoráveis nas principais regiões produtoras, como no noroeste e litoral. Durante as fases de estabelecimento e desenvolvimento vegetativo, o regime de chuvas e a disponibilidade de água nos reservatórios garantiram a manutenção das lâminas de água, enquanto o predomínio de radiação solar e o calor constante favoreceram o perfilhamento e a maturação

uniforme dos grãos, apesar da ocorrência pontual de nebulosidade por um período.

A área teve redução, especificamente na região de Umuarama, em razão de condição comercial desfavorável. Para as áreas com cultivo de arroz de sequeiro, embora a maioria das lavouras tenha apresentado boas condições, o deficit hídrico acentuado, principalmente em fevereiro, além do uso de baixa tecnificação, característica do cultivo de subsistência, elevaram o índice de áreas para condições regulares, podendo impactar negativamente nas fases reprodutivas, especialmente nas regiões norte e noroeste. A maior estabilidade climática tem permitido o avanço da colheita, preservando a integridade física dos grãos e evitar perdas qualitativas por excesso de secagem no talhão.

Pará: nas áreas de lavouras irrigadas, a colheita já foi encerrada, apresentando boas condições em campo devido ao bom pacote tecnológico e disponibilidade de irrigação constante, assim como boa incidência solar, apesar da alta nebulosidade durante longos períodos de chuva ainda durante a semeadura, e sem relatos de problemas fitossanitários, como a brusone. Para o arroz de sequeiro, dependente das precipitações, o plantio ocorreu no início das chuvas, e a média de precipitações ocorridas favoreceram as lavouras, apesar de ter havido atraso no início da semeadura diante da irregularidade e dos volumes das chuvas para o período. Nas áreas de produção da região de Viseu houve redução de cultivo devido aos baixos preços praticados no mercado.

Mato Grosso: as condições climáticas continuam favorecendo a cultura, com chuvas abundantes e bem distribuídas, impulsionando o desempenho das lavouras, o que reflete no rendimento e na qualidade do produto. A cultura tem apresentado bom desenvolvimento vegetativo e mantendo boas

condições fitossanitárias, aliados aos tratos culturais adequados, enquanto que a colheita começa a se intensificar, acompanhando a maturação dos grãos em campo.

Mato Grosso do Sul: os acumulados em precipitações variaram favorecendo os cultivos em produção. Por outro lado, em virtude das chuvas isoladas, a colheita foi parcialmente interrompida em algumas áreas da região sul. A colheita segue em andamento no estado. Na região sul, as produtividades nas lavouras colhidas são consideradas satisfatórias. No entanto, nas áreas de plantio da região oeste, a colheita dos talhões tardios tem apresentado produtividades aquém do esperado, uma vez que a permanência de tempo chuvoso e baixa incidência solar na fase de florescimento gerou elevado percentual de grãos chochos, aliados ao menor investimento em adubação para controle dos custos produtivos, diante da baixa cotação do cereal, reduzindo conseqüentemente o peso dos grãos.

Minas Gerais: as lavouras irrigadas do Sul de Minas se encontram em boas condições, com as lavouras mais tardias ainda em fase de enchimento de grãos. Já para a parte mais adiantada, já houve o início da colheita. No norte e leste do estado, as áreas de arroz de sequeiro e de várzeas úmidas também se encontram em boas condições. Boa parte dessas lavouras estão ainda em fase de enchimento de grãos devido ao plantio mais atrasado, ocasionado pelo atraso da regularização das chuvas e, conseqüentemente, da elevação dos níveis de água dos córregos e do lençol freático das baixadas. A colheita nessas regiões ainda é praticamente incipiente. Não houve confirmação de plantio nas áreas de arroz irrigado do noroeste do estado, devido aos preços atuais de mercado pouco atrativos.

Alagoas: as condições climáticas mostraram-se favoráveis ao desenvolvimento da lavoura, caracterizadas por chuvas de baixa intensidade, intercaladas com

dias de sol. Esse cenário contribui positivamente para o desenvolvimento da cultura, sem ocasionar prejuízos à colheita do grão. As áreas já colhidas apresentaram excelente rendimento. Quanto às áreas ainda não colhidas, a lavoura encontra-se nas fases de enchimento de grãos e maturação, apresentando bom estado, sem incidência significativa de pragas, com uma perspectiva favorável de produtividade.

Sergipe: com condições climáticas favoráveis para a cultura, a colheita foi finalizada no maior perímetro irrigado, em Betume, e a produtividade é considerada muito boa. Nos demais perímetros irrigados e municípios que cultivam o grão a safra já havia sido concluída. Na presente safra, a previsão é de queda significativa na área plantada da segunda safra em virtude da queda no preço recebido pelo produtor, assim como o aumento dos preços dos insumos.

Paraíba: no sertão, após bom volume e distribuição das chuvas em fevereiro, ocorreu um veranico na primeira quinzena de março, prejudicando as lavouras de sequeiro. Até o momento, 63% da intenção de plantio já foi efetivada, com 90% em estágio de desenvolvimento vegetativo e de condições boas a regulares.

Ceará: para o arroz irrigado, a reserva de água em açudes do estado esteve com sua capacidade máxima, com bons níveis que garantiu o aporte hídrico da cultura. A colheita se encerrou em janeiro, e a semeadura da segunda safra está sendo finalizada.

QUADRO 2 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS

Legenda - Condição hídrica												
Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas									
	Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas									
	Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas									

UF	Mesorregiões	Produção* %	Arroz - Safra 2025/26										
			AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN
RR**	Norte de Roraima	0,67				S/E	DV	DV/F	F/EG	M/C	C		
RO	Leste Rondoniense	0,86			S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C		
PA	Marajó**	0,68	S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C						
TO**	Ocidental do Tocantins	7,17			S/E	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG/M	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	
MT	Norte Mato-grossense	3,57			PS	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	
MG**	Noroeste de Minas	0,79		PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
PR**	Noroeste Paranaense	1,09		S/E/DV	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	DV/F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C		
SC**	Norte Catarinense	1,38	S/E	S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C			
	Vale do Itajaí	1,93	S/E	S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C		
	Sul Catarinense	7,00		S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C		
RS**	Centro Ocidental Rio-grandense	5,15		S/E	S/E/DV	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	
	Centro Oriental Rio-grandense	3,19		S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	
	Metropolitana de Porto Alegre	15,11		S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	
	Sudoeste Rio-grandense	28,65		S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C		
	Sudeste Rio-grandense	14,64		S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita. (**)=total ou parcialmente irrigado.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2024) / Conab.

OFERTA E DEMANDA

A Conab reduz a estimativa da produção de arroz para a safra 2025/26, agora projetada em 11,1 milhões de toneladas. Esse volume representa uma redução de 12,9% em comparação com a safra anterior (2024/25), estimada em 12,76 milhões de toneladas. A redução é atribuída à expectativa de diminuição de área plantada (-13,1%) da cultura no ciclo em curso.

Esse cenário é reflexo da forte retração nos preços pagos ao produtor, que tem impactado negativamente a rentabilidade do setor. Assim, há uma tendência clara de redução na área cultivada nos principais estados produtores.

Quanto ao mercado externo, na safra 2024/25 identificou-se um aumento nas exportações brasileiras, que atingiram 1,9 milhão de toneladas. Esse crescimento é impulsionado pelos preços internos baixos e pela oferta nacional excedente. Para a safra seguinte (2025/26), com a continuidade da ampla oferta no mercado interno, as exportações devem crescer ainda mais, podendo chegar a 2,1 milhões de toneladas.

As importações devem permanecer próximas da estabilidade, com um volume identificado de 1,3 milhão de toneladas na safra 2024/25 e, projetado, na safra 2025/26, no mesmo montante. O consumo interno está estimado em 10,5 milhões de toneladas na safra 2024/25, praticamente inalterado em relação à safra anterior, comportamento refletido na evolução dos parâmetros de comercialização do Rio Grande do Sul, principal estado produtor. Para a safra 2025/26, a expectativa de manutenção de preços atrativos ao consumidor no varejo e a intensificação de campanhas de promoção do consumo interno deverão resultar em leve expansão da demanda nacional, com consumo projetado em 10,8 milhões de toneladas.

Dessa forma, espera-se um aumento significativo nos estoques de passagem ao final da safra 2024/25 (fevereiro de 2026), alcançando 2,2 milhões de toneladas, devido ao excedente atual de oferta. Para 2025/26, a tendência é de queda nos estoques (fevereiro de 2027), ainda que permaneçam em patamar elevado, com projeção de 1,7 milhão de toneladas.

TABELA 6 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - ARROZ EM CASCA -EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2019/20	187,6	11.183,4	1.351,1	12.722,1	10.205,7	1.762,4	754,0
2020/21	754,0	11.766,4	895,1	13.415,5	10.802,1	1.311,1	1.302,3
2021/22	1.302,3	10.780,5	1.337,3	13.420,1	10.506,4	2.067,1	846,6
2022/23	846,6	10.031,8	1.550,3	12.428,7	10.324,1	1.696,7	407,9
2023/24	407,9	10.577,0	1.421,5	12.406,4	10.547,4	1.362,2	496,8
2024/25	496,8	12.757,7	1.317,7	14.572,0	10.500,0	1.883,8	2.188,2
2025/26	mar/26	2.204,5	11.177,4	1.300,0	14.681,9	10.800,0	1.781,9
	abr/26	2.188,2	11.117,1	1.300,0	14.605,3	10.800,0	1.705,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/26.

Para mais informações sobre o progresso da safra de arroz, [clique aqui](#).



FEIJÃO

ÁREA

2.583 mil ha

-4,1%

PRODUTIVIDADE

1.124 kg/ha

-1,1%

PRODUÇÃO

2.902,2 mil t

-5,2%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab.

ANÁLISE DA CULTURA

A cultura tem ampla importância na agricultura nacional, especialmente pela sua relevância na alimentação humana e, em particular, no hábito alimentar dos brasileiros. Seu alto valor nutricional e o seu “casamento perfeito” com o arroz fazem da cultura uma das graníferas mais abrangentes pelo país, tendo produção nas cinco regiões e praticamente em todos os estados, considerando-se, neste contexto, os três grandes grupos acompanhados pela companhia: feijão-comum cores, feijão-comum preto e feijão-caupi.

Além dos fatores alimentícios, a cultura tem seu apelo agrônomo, principalmente pelo seu ciclo fenológico mais curto, que possibilita ao produtor ajustar melhor o plantio dentro de uma janela reduzida, sem a necessidade de abrir mão da produção de outros grãos ainda no mesmo ano-safra. Nesse cenário, o Brasil possui três épocas distintas de plantio, favorecendo assim uma oferta constante do produto ao longo do ano. Dessa forma, tem-se o feijão de primeira safra, semeado entre agosto e dezembro, o de segunda safra, cultivado entre janeiro e abril, e o de terceira safra, semeado de maio a julho.

FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA 2024/25

TABELA 7 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2019/20	914,5	1.209	1.105,6
2020/21	909,2	1.074	976,4
2021/22	909,3	1.036	941,8
2022/23	857,3	1.116	956,7
2023/24	861,1	1.094	942,3
2024/25	908,5	1.170	1.062,7
2025/26	Mar./26	807,2	954,0
	Abr./26	803,0	953,5

Fonte: Conab.

Embora as chuvas registradas em diversas regiões produtoras na parte final do verão tenham limitado o avanço da colheita, dificultando a secagem natural dos grãos e até proporcionando algumas perdas pontuais de qualidade por conta do excesso de umidade, a evolução no último mês foi importante, finalizando ou aproximando-se da conclusão das operações na maioria das áreas com o feijão primeira safra. A exceção fica por conta dos cultivos mais tardios encontrados em áreas do Nordeste e em regiões de altitude no Sul do país, que costumam semear a cultura apenas após a colheita dos cereais de inverno, a partir de dezembro.

O atual ciclo vem consolidando as estimativas de redução na área plantada e, por consequência, na produção total, quando comparados aos resultados da temporada 2024/25, principalmente por fatores mercadológicos (preços pagos pelo grão e a comparação com o custo de oportunidade de produzir outras culturas mais rentáveis), climáticos (especialmente os parâmetros pluviométricos e térmicos) e fitossanitários (mosca-branca tem sido uma praga com alta pressão e extrema dificuldade de controle, limitando o cultivo em alguns casos), que acabam influenciando na tomada de decisão do produtor no momento do plantio.

ANÁLISE ESTADUAL

FEIJÃO-COMUM CORES

Minas Gerais: a colheita está praticamente finalizada, restando apenas pequenos talhões de lavouras mais tardias que devem ser concluídos nos próximos dias.

O ciclo foi considerado promissor, com bom desenvolvimento das lavouras e clima favorável à cultura na maior parte do tempo.

Os senões ficaram por conta do excesso de chuvas durante a fase de maturação e colheita, que acabaram por reduzir a qualidade de alguns lotes de grãos, com maior presença de grãos manchados, ardidos ou germinados.

Soma-se a isso, a grande pressão por mosca-branca, principalmente na região noroeste do estado, que tem sido recorrente nos últimos anos e que tem limitado o potencial produtivo da cultura.

Ainda assim, o resultado final deve ser ligeiramente superior ao visualizado na temporada 2024/25.

Bahia: o clima foi oscilante no último mês, visto que os períodos com chuvas estiveram em destaque, e acabaram por limitar o avanço da colheita, também reduzindo a qualidade de alguns lotes dos grãos obtidos. Até o final de março, pouco mais de 80% da área total havia sido colhida no estado.

Já no quesito quantitativo, a safra tem demonstrado bons resultados, especialmente nas lavouras localizadas no oeste baiano. Aspectos fitossanitários e climáticos foram bem mais favoráveis à cultura neste ciclo do que no ano passado, promovendo um aumento substancial na produtividade média em comparação a 2024/25, que foi um ciclo de perdas

significativas por adversidades climáticas (prolongadas estiagens) e por ataque intenso de mosca-branca.

Goiás: a colheita foi concluída ainda em fevereiro, mesmo em meio às chuvas volumosas ocorridas no período, que acabaram prejudicando as operações de sega e à maturação/secagem dos grãos, acarretando em perdas pontuais de qualidade em alguns lotes, por excesso de umidade. Já o potencial produtivo não foi afetado, visto que essa condição se deu em lavouras que já estavam com o desenvolvimento do grão definido.

Contudo, a produção final sofreu decréscimo em comparação com a temporada anterior, por conta da diminuição da área plantada, que ocorreu particularmente em áreas manejadas em sequeiro. O principal motivo dessa redução esteve associado a questões mercadológicas, visto que os preços pagos pelo feijão recentemente foram considerados baixos em relação ao seu custo de produção, tornando-se menos competitivo frente a outros cultivos de verão, como a soja. A maior probabilidade é que essa redução atual seja fruto de um redirecionamento, com boa parte desses produtores migrando o plantio do feijão para a terceira safra, entre abril e maio de 2026.

Paraná: a colheita foi finalizada no último mês. As chuvas foram um fator limitador para a conclusão das operações, registrando algumas perdas pontuais de qualidade dos grãos em face do excesso de umidade na maturação do produto.

De maneira geral, o ciclo apresentou boas condições edafoclimáticas, porém no aspecto fitossanitárias se registrou alta pressão de mosca-branca e uma demanda ainda maior de esforços para o controle da principal praga do feijão na atualidade.

Vale pontuar que as lavouras, especialmente as mais tardias, demonstraram bons resultados, elevando a média de produtividade estimada para a cultura em comparação ao levantamento passado, porém, ainda foi inferior ao resultado médio obtido no exercício anterior.

Em relação à área plantada, o ciclo registrou redução considerável em comparação a 2024/25, reflexo direto da queda nos preços na época da semeadura devido ao excesso de oferta. Esse recuo também foi influenciado pela melhor rentabilidade do milho, pelos elevados custos de produção do feijão e pela saída de produtores eventuais que haviam ingressado na cultura, atraídos por picos de preços passados.

São Paulo: com um plantio mais antecipado que os demais estados produtores, a produção de feijão primeira safra em São Paulo está consolidada, com a conclusão da colheita ainda em janeiro.

A cultura apresentou um bom desenvolvimento geral, sem danos fitossanitários ou por adversidades climáticas, resultando em uma média de produtividade superior ao ano passado. A qualidade dos grãos também foi considerada positiva.

Santa Catarina: a colheita encontra-se em fase avançada, atingindo aproximadamente 80% da área total ao final de março. As áreas remanescentes estão concentradas principalmente no Planalto Sul, onde o cultivo é tradicionalmente mais tardio. Nessa região, a ocorrência de baixos índices pluviométricos durante janeiro e fevereiro resultou em perdas de produtividade, fazendo cair a média de produtividade estadual, justamente pela diminuição de potencial produtivo nessas lavouras mais tardias do Planalto Sul.

A qualidade geral dos grãos tem sido considerada boa, sem registros de danos significativos por fungos. No aspecto fitossanitário, observam-se ocorrências pontuais de antracnose, mancha-angular e mosca-branca, sem impacto relevante.

Rio Grande do Sul: as primeiras lavouras semeadas em dezembro de 2025 começaram a ser colhidas agora em março. Ainda é uma colheita em fase inicial, mas já se percebe perda de potencial produtivo nas lavouras, principalmente por conta das irregularidades pluviométricas, condição que restringiu a disponibilidade hídrica para a cultura. A restrição provocou limitação do porte das plantas, queda de flores, vagens menores, queda de vagens e diminuição na expectativa do peso dos grãos, conforme o estágio fenológico da lavoura. A falta de chuvas regulares ainda provocou o encurtamento do ciclo, antecipando o início da colheita

Distrito Federal: colheita concluída ainda em fevereiro. Alguns lotes tiveram queda de qualidade pelo excesso de umidade na maturação, contudo a maioria dos grãos obtidos foram de ótimo padrão e com uma produtividade média bastante satisfatória, especialmente pelo alto nível tecnológico empregado na região produtora, até mesmo com uso de irrigação suplementar.

Mato Grosso: o volume de chuvas durante março foi bastante benéfico para o desenvolvimento das lavouras mais tardias.

A cultura segue predominantemente em estágio de enchimento de grãos, seguido por maturação. A colheita deve ser concluída em abril, com boas expectativas de produção graças ao clima favorável durante a maior parte do ciclo.

FEIJÃO-COMUM PRETO

Paraná: a colheita foi finalizada no último mês. As chuvas foram um fator limitador para a conclusão das operações, registrando algumas perdas pontuais de qualidade dos grãos em face do excesso de umidade na maturação do produto.

De maneira geral, o ciclo apresentou boas condições edafoclimáticas, porém no aspecto fitossanitários se registrou alta pressão de mosca-branca e uma demanda ainda maior de esforços para o controle da principal praga do feijão na atualidade.

Vale pontuar que as lavouras, especialmente as mais tardias, demonstraram bons resultados, elevando a média de produtividade estimada para a cultura em comparação ao levantamento passado, porém, ainda foi inferior ao resultado médio obtido no exercício anterior.

Quanto à destinação de área, o presente ciclo registrou redução considerável em comparação ao exercício anterior, reflexo da queda nos preços na época da semeadura devido ao excesso de oferta. Esse recuo também foi influenciado pela melhor rentabilidade do milho, pelos elevados custos de produção do feijão e pela saída de produtores eventuais que haviam ingressado na cultura, atraídos por picos de preços passados.

Santa Catarina: a colheita encontra-se em fase avançada, atingindo aproximadamente 80% da área total ao final de março. As áreas remanescentes estão concentradas principalmente no Planalto Sul, onde o cultivo é tradicionalmente mais tardio. Nessa região, a ocorrência de baixos índices pluviométricos durante janeiro e fevereiro resultou em perdas de produtividade, fazendo cair a média de produtividade estadual, justamente

pela diminuição de potencial produtivo nessas lavouras mais tardias do Planalto Sul.

A qualidade geral dos grãos tem sido considerada boa, sem registros de danos significativos por fungos. No aspecto fitossanitário, observam-se ocorrências pontuais de antracnose, mancha-angular e mosca-branca, sem impacto relevante.

Rio Grande do Sul: a colheita avançou bastante no último mês, especialmente nas demais regiões, exceto no Planalto Superior. Ali, o cultivo é tradicionalmente mais tardio e apenas no fim de março se iniciou as operações de colheita.

As lavouras colhidas em março apresentaram perdas de potencial produtivo em razão da irregularidade das chuvas ao longo do verão. Na maior parte das regiões, além da falta de chuvas, o cultivo fora da janela ideal limitou o rendimento de algumas áreas.

No Planalto Superior, que é a maior região produtora do estado, as primeiras áreas colhidas apresentam produtividade abaixo do esperado. Porém, a expectativa é que as lavouras mais tardias apresentem melhor desempenho e consigam compensar as perdas iniciais e assim mantenha uma média adequada não só para a região, mas para todo o estado.

Minas Gerais: a colheita está finalizada no estado. O ciclo foi considerado promissor, com bom desenvolvimento das lavouras e clima favorável à cultura na maior parte do tempo.

Os principais problemas ficaram por conta do excesso de chuvas durante a fase de maturação e colheita, que acabaram por reduzir a qualidade de

alguns lotes de grãos, com maior presença de grãos manchados, ardidos ou germinados.

Soma-se a isso, a grande pressão por mosca-branca, principalmente na região noroeste do estado, que tem sido recorrente nos últimos anos e que tem limitado o potencial produtivo da cultura.

Ainda assim, não houve perda significativa sobre o potencial produtivo, garantindo uma boa produtividade média no ciclo.

FEIJÃO-CAUPI

Piauí: as primeiras áreas em colheita no estado concentra-se especialmente no sudoeste piauiense.

As chuvas retornaram no último mês e estiveram com uma distribuição mais homogênea, favorecendo também regiões que estavam sofrendo com deficit hídrico, como no Sudeste do estado. Nesse sentido, embora hajam perdas pontuais pelo estresse hídrico, a estimativa de produtividade média estadual é boa, devendo ser bem superior à safra 2024/25, especialmente pelas melhores condições climáticas no atual ciclo.

Bahia: a safra está em reta final, com as lavouras em plena colheita, apresentando bons resultados quantitativos, favorecidas pelo regime pluviométrico satisfatório ao longo do ciclo, especialmente na região oeste do estado.

Contudo, no quesito de área plantada, o prognóstico é pessimista, com redução significativa em comparação a 2024/25, principalmente em áreas da região centro-sul, que nos últimos anos enfrentaram perdas relacionadas

à oscilações climáticas, baixo retorno financeiro e falta de mão de obra, desestimulando os produtores locais. Há grande concorrência de área com cultivos forrageiros, como gramíneas ou palma.

Maranhão: as lavouras estão em diferentes estádios fenológicos, influenciadas pela ampla janela de plantio da cultura no estado. Cerca de um quarto da área total já foi colhida, mas ainda há lavouras mais tardias que se encontram em pleno desenvolvimento vegetativo. Houve novo ajuste na estimativa de área plantada, reduzindo ainda mais a previsão pela não confirmação de plantio em algumas áreas antes projetadas.

No quesito produtividade, o predomínio do cultivo familiar, em sistemas que utilizam baixa tecnologia, em roça no toco, em sistemas consorciados com as culturas de arroz, milho e mandioca, costumam redundar em rendimentos mais baixos, visto que neste ciclo, as oscilações climáticas podem reduzir ainda mais o potencial produtivo da cultura. A exceção fica por conta das áreas mais ao sul do estado, que receberam maiores volumes de chuvas e devem amenizar as perdas.

Minas Gerais: a colheita está finalizada no estado. O ciclo foi considerado promissor, com bom desenvolvimento das lavouras e clima favorável à cultura na maior parte do tempo.

O principal entrave ficou por conta do excesso de chuvas durante a fase de maturação e colheita, que acabaram por reduzir a qualidade de alguns lotes de grãos, com maior presença de grãos manchados, ardidos ou germinados. Ainda assim, não houve perda sobre o potencial produtivo, garantindo uma boa produtividade média no ciclo.

Tocantins: a colheita, que já havia sido concluída nas áreas irrigadas, está praticamente finalizada nas lavouras de sequeiro, restando poucos talhões

para concluir a sega. As lavouras remanescentes já estão em maturação, preparando-se para a colheita.











As condições gerais da cultura foram boas, tanto nas áreas de várzea (irrigadas), quanto nas lavouras de sequeiro, que estiveram beneficiadas na maior parte do ciclo por um regime de chuvas excelente no estado.

A expectativa é de acréscimo na produtividade média total em comparação com a temporada passada.

Mato Grosso: colheita finalizada. As lavouras apresentaram vigor vegetativo e reprodutivo consistente, e apontam para uma boa produtividade média superior à temporada passada. A qualidade dos grãos também foi elevada, mesmo com alguns episódios de precipitações durante a maturação e colheita.

Pernambuco: a colheita foi finalizada em janeiro, confirmando a redução na produtividade média esperada, em virtude da irregularidade das chuvas durante o ciclo, com períodos de estiagem, que acabaram afetando o potencial produtivo da leguminosa.

QUADRO 3 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS – FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA

Legenda – Condição hídrica													
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas								
UF	Mesorregiões	Produção* %	Feijão primeira safra - Safra 2025/26										
			AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN
PI	Norte Piauiense	0,77						S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
	Centro-Norte Piauiense	0,96						S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
	Sudoeste Piauiense	2,36					S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Sudeste Piauiense	2,28						S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
PE	Agreste Pernambucano	0,75		S/E	S/E/DV	DV/F	EG/M/C	M/C					

Continuação

Legenda - Condição hídrica

 Favorável	 Baixa Restrição - Falta de Chuva	 Baixa Restrição - Excesso de Chuva	 Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	 Média Restrição - Falta de Chuva	 Média Restrição - Excesso de Chuva	 Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	 Alta Restrição - Falta de Chuva	 Alta Restrição - Excesso de Chuva	 Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção* %	Feijão primeira safra - Safra 2025/26										
			AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN
BA	Extremo Oeste Baiano **	11,68			S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C		
	Vale São-Franciscano da Bahia	0,89				S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG/M	EG/M/C	M/C		
	Centro Norte Baiano	0,71				S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG/M	EG/M/C	M/C		
MT	Centro Sul Baiano	2,58				S/E	S/E/DV	E/DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C		
	Norte Mato-grossense	0,69			S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C			
GO	Leste Goiano	5,75			S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C				
	Sul Goiano	4,31			S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	C				
DF	Norte Goiano	2,30			S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C				
	Distrito Federal	2,44			S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C				
MG	Noroeste de Minas	5,83			S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	C				
	Norte de Minas	1,08				S/E	S/E/DV	F/EG	M/C				
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	3,41			S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C				
	Metropolitana de Belo Horizonte	0,66			S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C				
	Oeste de Minas	0,89			S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C				
	Sul/Sudoeste de Minas	3,08			S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C				
	Campo das Vertentes	2,56			S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C				
SP	Zona da Mata	1,39			S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C				
	Itapetininga**	0,85	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C						
PR	Norte Pioneiro Paranaense	1,41		S/E/DV	DV/F	F/EG	M/C	C					
	Centro Oriental Paranaense	4,12		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C				
	Oeste Paranaense	1,37		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C				
	Sudoeste Paranaense	1,41		S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C				
	Centro-Sul Paranaense	4,39		S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C				
	Sudeste Paranaense	8,59		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C				
SC	Metropolitana de Curitiba	2,23		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C				
	Oeste Catarinense	1,99		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M/C	EG/M/C	EG/M/C			
	Norte Catarinense	1,43		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	DV/F/EG/M/C	F/EG/M/C	EG/M/C			
RS	Serrana	2,04		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	DV/F/EG/M/C	F/EG/M/C	EG/M/C			
	Noroeste Rio-grandense	1,06		S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C					
	Nordeste Rio-grandense	2,80		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	DV/F/EG/M/C	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C		

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita; (**) todo ou parcialmente irrigado.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2024) / Conab.

FEIJÃO SEGUNDA SAFRA 2025/26

TABELA 8 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - FEIJÃO SEGUNDA SAFRA

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2019/20	1.423,0	875	1.244,7
2020/21	1.446,4	787	1.137,8
2021/22	1.419,1	945	1.341,1
2022/23	1.326,2	962	1.275,8
2023/24	1.528,2	990	1.512,2
2024/25	1.400,1	953	1.333,6
2025/26	Mar./26	1.346,5	1.259,5
	Abr./26	1.353,1	1.246,0

Fonte: Conab.

Aproveitando-se do ciclo mais curto do feijão em comparação a outras graníferas, o produtor consegue adequar o plantio da cultura dentro do ano-safra em janelas menores. Isso viabiliza oferta constante do produto ao longo do ano, com semeaduras ocorrendo em diferentes épocas. É o caso do feijão segunda safra, que tem seu plantio começando a partir de janeiro e que se estende, tradicionalmente, até abril.

Nesse período, há uma importante destinação de área para a cultura, com grande pulverização das lavouras pelo território nacional, com cultivo dos três grandes grupos: feijão-comum cores e preto, além do feijão-caupi. Observa-se elevação recente nos preços, especialmente para o feijão-comum cores, algo que tem impulsionado o cultivo do vegetal em algumas regiões, inclusive sobre áreas de feijão-comum preto, que teve um incremento menor nos preços.

Atualmente, as lavouras estão, majoritariamente, em desenvolvimento vegetativo, porém muitas regiões ainda seguem em fase de implantação.

FEIJÃO-COMUM CORES

Paraná: com o avançar do plantio, observou-se uma estimativa de redução na intenção de área semeada, algo não esperado anteriormente. Embora as chuvas tenham sido benéficas à implantação da cultura, houve maior cautela por parte dos produtores diante da volatilidade de preços e dos riscos climáticos inerentes ao plantio da cultura nesse período, visto que já se havia perdido a janela ideal de semeadura por conta de atrasos na colheita das culturas de primeira safra, que antecedem esse cultivo.

Apesar dessa estimativa de retração na área, o cenário fitossanitário e edafoclimático é predominantemente positivo para a cultura, com a maioria das lavouras apresentando boas condições, mesmo com o desafio da baixa luminosidade em março, que coincidiu com o avanço da floração (a baixa luminosidade e a instabilidade climática em março comprometeram a fotossíntese e aumentou o risco de abortamento de flores e vagens). O foco atual do manejo é garantir que o estresse abiótico e a nebulosidade persistente não provoquem altas taxas de abortamento, preservando o potencial produtivo das áreas que permanecem com bom vigor vegetativo.

Apesar da boa umidade no solo, a queda de temperatura e as chuvas irregulares favorecem doenças fúngicas e ameaçam o peso e a qualidade comercial dos grãos, exigindo que o produtor intensifique o monitoramento sanitário para mitigar perdas.

Minas Gerais: embora haja atraso na semeadura da cultura, principalmente por conta do prolongamento na colheita de algumas graníferas de primeira safra, como milho e soja, o plantio tem acontecido e se beneficiado das boas condições pluviométricas e também da alta recente nos preços do feijão, algo que estimula os produtores a optar pelo cultivo, mesmo com uma janela de semeadura mais apertada.

Pouco mais de 60% da área prevista havia sido semeada até o final de março, e a expectativa é que essa destinação total seja superior à temporada 2024/25, justificando esse aumento de área principalmente em razão dos preços mais elevados registrados nas últimas semanas.

As condições gerais das lavouras já implantadas são boas, favorecidas pelo regime pluviométrico do último mês.

Mato Grosso: embora os preços pagos pelo produto tenham registrado elevação nas últimas semanas, a volatilidade do mercado de feijão-comum cores no estado é muito grande, dificultando o planejamento para a obtenção de preços no momento da venda, a partir da colheita. Além disso, esse grupo de feijão tem maior risco climático e maior suscetibilidade a pragas e doenças, se comparado ao feijão-caupi. Logo, houve redução em relação à estimativa inicial de área plantada para o feijão-comum cores e incremento importante nas áreas de feijão-caupi.

As lavouras estão todas implantadas e vêm se desenvolvendo bem, favorecidas pelas chuvas regulares que têm ocorrido nas últimas semanas.

Bahia: esse cultivo é em sistema irrigado e ainda não teve seu início efetuado por conta do atraso no calendário de plantio e colheita das culturas antecedentes desse plantio, devendo acontecer apenas em abril, também como um controle cultural à mosca-branca.

Mato Grosso do Sul: a semeadura foi iniciada em março, mas ainda evolui de maneira lenta, visto que houve atraso na colheita das culturas de verão que antecedem esse plantio.

Até o momento, a cultura correspondeu bem às chuvas pontuais ocorridas nos talhões cultivados. Quanto às temperaturas, essas permanecem

elevadas ao longo do período, porém sem ocasionar problemas relevantes nas plântulas.



Foto 5 - Feijão cores 2ª safra - Desenvolvimento vegetativo - Bonito-MS

Fonte: Conab.

Paraíba: o plantio foi recém-iniciado no estado. As condições edafoclimáticas são favoráveis à semeadura e desenvolvimento inicial das lavouras, porém há preocupação com alta pressão de pragas como pulgão e lagartas.

Pernambuco: as chuvas têm ocorrido com mais frequência no último mês no sertão pernambucano, e isso contribuiu para o início da semeadura e o crescimento inicial das plantas. O cultivo ainda é incipiente, com pouco mais de 16% da área prevista semeada, porém a estimativa de área é pequena para a cultura nesse período.

FEIJÃO-COMUM PRETO

Paraná: com o avançar do plantio, observou-se uma estimativa de redução na intenção de área semeada, algo não esperado anteriormente. Embora

as chuvas tenham sido benéficas à implantação da cultura, houve maior cautela por parte dos produtores diante da volatilidade de preços (a baixa rentabilidade recente levou produtores a migrarem ao cultivo de soja e milho) e dos riscos climáticos inerentes ao plantio da cultura nesse período, visto que já se havia perdido a janela ideal de semeadura por conta de atrasos na colheita das culturas de primeira safra, que antecedem esse cultivo.

Apesar dessa estimativa de retração na área, o cenário fitossanitário e edafoclimático é predominantemente positivo para a cultura, com a maioria das lavouras apresentando boas condições, mesmo com o desafio da baixa luminosidade em março, que coincidiu com o avanço da floração (a baixa luminosidade e a instabilidade climática em março comprometeram a fotossíntese e aumentou o risco de abortamento de flores e vagens). O foco atual do manejo é garantir que o estresse abiótico e a nebulosidade persistente não provoquem altas taxas de abortamento, preservando o potencial produtivo das áreas que permanecem com bom vigor vegetativo.

Apesar da boa umidade no solo, a queda de temperatura e as chuvas irregulares favorecem doenças fúngicas e ameaçam o peso e a qualidade comercial dos grãos, exigindo que o produtor intensifique o monitoramento sanitário para mitigar perdas.

Santa Catarina: o último mês apresentou bons índices pluviométricos, o que permitiu a conclusão do plantio e o bom desenvolvimento inicial das lavouras na maioria das regiões produtoras do estado (exceção é o oeste catarinense, que tem demonstrado maior irregularidade de chuvas).

A estimativa de redução na área plantada em relação a 2024/25 se tornou ainda maior, a partir do avanço e conclusão da semeadura. Embora os preços pagos pelo grão estivessem em alta por conta da restrição deliberada de oferta, especialmente no sul do estado, muitos produtores optaram por

não semear o feijão nesse período em razão do alto risco climático desse cultivo em sequeiro, especialmente quando plantado fora da janela ideal de plantio.

Rio Grande do Sul: a semeadura foi concluída no último mês, mas a área inicialmente prevista não foi atingida. Em razão dos baixos preços de mercado e pelas dificuldades para realização da semeadura em meio a períodos com irregularidade de chuvas e fora da janela ideal de plantio, alguns produtores acabaram desistindo do cultivo.

No campo, as plantas apresentam sintomas de estresse hídrico em razão da irregularidade das chuvas nas regiões produtoras. Nas áreas irrigadas, a condição das lavouras é muito boa. As primeiras áreas semeadas já iniciaram o enchimento de grãos, porém há certo atraso em comparação com a evolução do ciclo no ano passado.

Embora a estiagem esteja provocando perdas nas lavouras de sequeiro por meio de impactos no porte das plantas, abortamento de flores e peso dos grãos, a retração da área cultivada aumentou a proporção de áreas irrigadas no total, permitindo a manutenção da estimativa de produtividade média.

Minas Gerais: o atraso na colheita de algumas graníferas de primeira safra, como milho e soja, acabou afetando diretamente a evolução do plantio do feijão de segundo ciclo, que vem em sucessão a esses cultivos. Há um atraso nas operações, uma vez que até o fim de março apenas 60% da área prevista havia sido semeada.

As condições gerais das lavouras já implantadas são boas, favorecidas pelo regime pluviométrico do último mês.

Paraíba: com o início da estação chuvosa houve bom avanço da semeadura em algumas regiões do Sertão Paraibano, onde se concentra tal cultivo no estado.

Pouco mais de 43% da área prevista está semeada, e o desenvolvimento inicial da cultura é bom, com exceção de alta pressão de pragas como pulgão e lagarta em algumas localidades.

Vale pontuar que boa parte desse cultivo é realizado em consórcio com outras graníferas, especialmente o milho.

FEIJÃO-CAUPI

Ceará: o plantio foi iniciado e rapidamente avançou no estado, favorecido pelas boas condições pluviométricas registradas na maioria das regiões entre fevereiro e março.

Havia um temor pela escassez de precipitações até meados de fevereiro (inclusive com previsão inicial de redução na área plantada), porém com a retomada das chuvas, os solos foram preparados para a implantação das lavouras e viabilizou um bom desenvolvimento inicial na maioria das localidades produtoras.

Bahia: o último mês apresentou precipitações volumosas, regulares e bem distribuídas. Tal aporte hídrico favoreceu o plantio e o desenvolvimento inicial das lavouras. Nesse cenário, as operações de semeadura foram concluídas, e as lavouras seguem apresentando boa evolução.

Mato Grosso: as chuvas no último mês foram suficientes para promover o desenvolvimento inicial das lavouras e viabilizar a conclusão do plantio,

embora o excesso pontual de precipitações em alguns locais impediu a germinação em solos mais encharcado.

A cultura tem apresentado bom vigor na fase inicial de desenvolvimento, porém excessos de chuvas em algumas regiões impediram a germinação, fazendo com que alguns talhões fossem replantados.

O mercado do feijão-caupi tem se desenvolvido no sentido de possibilitar, cada vez mais, o travamento antecipado de contratos, e essa condição tem oferecido vantagens a essa cultura em relação ao feijão-comum cores, no que se refere à expansão de área, assim como segurança econômica para o produtor plantar o feijão-caupi. Nesta temporada, tem se observado um fortalecimento neste tipo de contratação, tendo como destino principal o mercado externo, o que, combinado com preços favoráveis, tem impulsionado a cultura rumo à expansão de área.

Tocantins: o plantio continua ocorrendo exclusivamente nas áreas em sequeiro, havendo previsão de cultivo em manejo irrigado apenas a partir de abril.

As chuvas têm sido volumosas e regulares, algo que favoreceu a preparação dos solos e a implantação das lavouras de sequeiro, que estão em fase final de semeadura.

Há previsão inicial de aumento na área total em comparação com 2024/25, especialmente nas lavouras de sequeiro. A elevação recente nos preços estimulou os produtores e ainda houve um estrangulamento da janela ideal de semeadura de outras opções de cultivo na segunda safra, como o milho, favorecendo assim para culturas de menor ciclo, como o feijão.



Foto 6 - Feijao-caupi 2ª safra - Emergência - Caseara-TO

Fonte: Conab.

Foto 7 - Feijão-caupi 2ª safra - Desenvolvimento vegetativo - Nova Rosalândia-TO



Fonte: Conab.

Maranhão: plantio iniciado no estado, com pouco mais de 20% da área prevista semeada até o fim de março. Há uma expectativa prévia de redução na área total plantada em comparação com 2024/25, principalmente por conta da menor intervenção pública no fomento da produção local, com redução na distribuição de sementes para o plantio em áreas ligadas à agricultura familiar.

Existe também o cultivo mais tecnificado, especialmente no sul do estado, em sucessão à colheita de culturas de verão, como soja e milho, e que

apresentam maiores produtividades. Essas áreas hoje representam a maior parcela de área plantada até o momento.



















Piauí: o plantio foi recém-iniciado, com avanço incipiente entre as regiões produtoras. As chuvas registradas em março foram benéficas para o preparo dos solos e devem auxiliar no desenvolvimento inicial das lavouras e na evolução da semeadura ao longo das próximas semanas.

Paraíba: o plantio ainda não foi iniciado.

Pernambuco: o começo da estação chuvosa no Sertão Pernambucano trouxe incentivo para a semeadura do feijão na região. Mais de 60% da área prevista foi plantada até o fim de março, e as condições gerais das lavouras implantadas são boas, beneficiadas pelo regime pluviométrico do último mês.

Rio Grande do Norte: o plantio ainda não foi iniciado.











QUADRO 4 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS – FEIJÃO SEGUNDA SAFRA

Legenda - Condição hídrica			
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva
			Baixa Restrição - Excesso de Chuva
			Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
			Média Restrição - Falta de Chuva
			Média Restrição - Excesso de Chuva
			Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
			Alta Restrição - Falta de Chuva
			Alta Restrição - Excesso de Chuva
			Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção* %	Feijão segunda safra - Safra 2025/26						
			JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
TO	Ocidental do Tocantins	4,59			S/E/DV	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C
	Oriental do Tocantins	0,41			S/E/DV	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C
MA	Sul Maranhense	0,78			S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
	Noroeste Cearense	1,39		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
CE	Norte Cearense	1,33		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
	Sertões Cearenses	1,50		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
	Jaguaribe	0,53		PS	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
	Sul Cearense	0,85		PS	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	

Continua

Legenda - Condição hídrica

	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		
	Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		

UF	Mesorregiões	Produção* %	Feijão segunda safra - Safra 2025/26						
			JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
RN	Oeste Potiguar	0,49		PS	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
PB	Agreste Paraibano	0,52			S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C
PE	Sertão Pernambucano	1,28		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
MT	Norte Mato-grossense	7,12		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
	Nordeste Mato-grossense	0,54		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
MS	Sudeste Mato-grossense	0,83		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	0,60			S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C
GO	Leste Goiano	0,90			S/E/DV	F/EG	EG/M/C	M/C	
	Sul Goiano	1,73			S/E/DV	F/EG	EG/M/C	M/C	
MG	Norte de Minas	0,88		PS	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	1,94		S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C
	Central Mineira	0,38		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C
	Metropolitana de Belo Horizonte	0,45		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C
	Oeste de Minas	1,31		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C
	Sul/Sudoeste de Minas	2,28		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C
	Campo das Vertentes	3,29		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C
	Zona da Mata	0,86		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C
PR	Centro Ocidental Paranaense	1,00	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	
	Norte Central Paranaense	0,41	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	
	Centro Oriental Paranaense	6,14	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	C	
	Oeste Paranaense	1,76	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Sudoeste Paranaense	16,97	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
	Centro-Sul Paranaense	15,41	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Sudeste Paranaense	5,98	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
SC	Metropolitana de Curitiba	0,89	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
RS	Oeste Catarinense	3,78	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
	Noroeste Rio-grandense	1,59	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita; (**) todo ou parcialmente irrigado.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2024) / Conab.

FEIJÃO TERCEIRA SAFRA 2025/26

A previsão de plantio, da safra 2025/26, estará disponível apenas a partir de maio de 2026.

ANÁLISE DE OFERTA E DEMANDA

A Conab estima a produção de feijão para a safra 2025/26 em 2,9 milhões de toneladas. Esse volume representa uma redução de 5,2% em comparação com a safra anterior (2024/25), estimada em 3,1 milhões de toneladas. A retração decorre da expectativa de diminuição tanto da área plantada (-4,1%) quanto da produtividade (-1,1%) da cultura no próximo ciclo.

Esse cenário reflete, principalmente, os preços menos remuneradores pagos ao produtor no momento da definição de plantio, sobretudo quando comparados aos de outras culturas concorrentes por área. Além disso, a incidência de mosca-branca em algumas lavouras tem contribuído para ampliar o desestímulo ao cultivo em importantes polos produtores. Dessa forma, observa-se uma tendência de redução da área cultivada com feijão no país.

No mercado externo, na safra 2024/25, verificou-se aumento nas exportações brasileiras, que atingiram 533,2 mil toneladas. Esse crescimento foi impulsionado pelos preços internos mais baixos e pela maior disponibilidade de produto no mercado nacional. Para a safra 2025/26, diante da expectativa de menor oferta interna, projeta-se redução das exportações, estimadas em 214,3 mil toneladas.

Quanto ao consumo interno, este está estimado em 2,7 milhões de toneladas, tanto na safra 2024/25 quanto na safra 2025/26. Observa-se, contudo, uma leve tendência de redução no consumo ao longo dos últimos anos, refletindo, principalmente, mudanças nos hábitos alimentares de parte da população brasileira.

Diante desse contexto, os estoques de passagem devem apresentar comportamento próximo da estabilidade. Ao final da safra 2024/25 (dezembro de 2025), os estoques são estimados em 135,9 mil toneladas, enquanto para o encerramento da safra 2025/26 (dezembro de 2026) são projetados em 145,4 mil toneladas.

TABELA 9 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - FEIJÃO - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2019/20	259,7	3.222,1	113,6	3.595,4	3.150,0	176,7	268,7
2020/21	268,7	2.893,8	83,1	3.245,6	2.900,0	223,7	121,9
2021/22	121,9	2.990,2	76,1	3.188,2	2.850,0	136,1	202,1
2022/23	202,1	3.036,7	69,0	3.307,8	2.850,0	139,0	318,8
2023/24	318,8	3.198,6	22,2	3.539,6	2.900,0	343,6	296,0
2024/25	296,0	3.059,9	13,2	3.369,1	2.700,0	533,2	135,9
2025/26	mar/26	135,9	2.916,1	21,6	3.073,6	2.700,0	159,3
	abr/26	135,9	2.902,2	21,6	3.059,7	2.700,0	145,4

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2026.

Estoque de passagem - 31 de dezembro.

Para mais informações sobre o progresso da safra de feijão, [clique aqui](#).



MILHO

ÁREA

22.483,2 mil ha

+ 3,0%

PRODUTIVIDADE

6.208 kg/ha

- 4,0%

PRODUÇÃO

139.571,9 mil t

- 1,1%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab.

ANÁLISE DA CULTURA

MILHO PRIMEIRA SAFRA

TABELA 10 - MILHO PRIMEIRA SAFRA

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2019/20	4.235,8	6.065	25.689,6
2020/21	4.348,4	5.686	24.726,5
2021/22	4.549,2	5.501	25.026,0
2022/23	4.444,0	6.160	27.373,2
2023/24	3.970,1	5.784	22.962,2
2024/25	3.772,6	6.610	24.935,8
2025/26	Mar./26	4.058,9	27.350,1
	Abr./26	4.103,1	27.968,4

Fonte: Conab.

A colheita da primeira safra de milho 2025/26 avança no país, alcançando 51,3% da área cultivada na primeira semana de abril. Na Região Sul ela se aproxima da finalização, e as produtividades nos três estados são consideradas satisfatórias, reflexo das boas condições climáticas ocorridas na maior parte do ciclo do cereal. Apenas Maranhão e Piauí não começaram a colheita devido ao calendário de plantio diferenciado. Nos demais estados

ela avança, com boas produtividades alcançadas e com boa qualidade de grãos.

Para a primeira safra de milho está estimado um cultivo de 4,1 milhões de hectares, aumento de 8,8% em relação à safra 2024/25, e uma produção de 28 milhões de toneladas, 12,2% superior ao último ciclo, reflexo das condições climáticas regulares e ao investimento dos produtores na cultura.

ANÁLISE ESTADUAL

Minas Gerais: a colheita foi iniciada no estado, porém ainda concentra-se sobre as áreas irrigadas, que foram semeadas primeiro. A maior parte das lavouras se encontram em fase de maturação, com os produtores ainda aguardando a perda de umidade dos grãos em campo para realizarem a colheita. No entanto, o clima chuvoso tem postergado essa possibilidade. As lavouras que vêm sendo colhidas têm apresentado grãos com elevada umidade. Mesmo com o ataque de doenças fúngicas ao final do ciclo, o potencial produtivo das lavouras não foi comprometido. De maneira geral, a produtividade está satisfatória, e a estimativa é que a produtividade nesta safra seja 12,2% maior que a obtida na safra passada.

Rio Grande do Sul: a colheita alcançou 88% da área cultivada e foi favorecida pelas condições meteorológicas durante março, aproximando-se da finalização nas áreas da safra. Restam no campo 2% de lavouras em maturação e estas áreas tiveram perdas decorrentes da irregularidade das chuvas, mas apresentam boas produtividades assim boas rentabilidades. As demais áreas em campo são de safrinha, cultivadas em sucessão às culturas cultivadas no início da janela de semeadura do verão. Estas áreas apresentam perdas significativas em razão da irregularidade das chuvas e apresentam potencial produtivo baixo.

A evolução da colheita deverá ocorrer de forma lenta nas próximas semanas em razão da necessidade dos produtores em realizar a colheita da soja. Assim, espera-se que a colheita seja retomada na maior parte das propriedades apenas no final de maio. Não houve fato novo que justificasse a alteração da estimativa de área cultivada da cultura, que permanece em 817,1 mil hectares. Tendo em vista os resultados positivos, especialmente em termos de rentabilidade, e dos últimos resultados negativos do trigo e da soja, antes mesmo do encerramento da safra, já se espera significativo aumento de área para a próxima safra

Santa Catarina: a cultura apresentou avanço significativo da colheita no estado, com destaque para o Planalto Norte, onde os trabalhos já se aproximam de 80% da área colhida, enquanto no Planalto Sul esse percentual ainda é mais reduzido, em torno de 20%. As produtividades observadas no Planalto Norte mantêm-se elevadas, próximas e até superiores a 10.000 kg/ha, com variações conforme o patamar tecnológico e as condições específicas de cada região, havendo registros pontuais que alcançam até 13.000 kg/ha.

No Planalto Sul, por sua vez, o desempenho produtivo tem sido inferior, em virtude da estiagem ocorrida durante o período de floração da cultura, resultando em produtividades iniciais próximas de 7.200 kg/ha. De maneira geral, estima-se que a produtividade média na região deverá situar-se ligeiramente abaixo da obtida na safra anterior, reflexo das instabilidades climáticas registradas ao longo do ciclo, especialmente o excesso de frio durante o plantio e a ocorrência de déficit hídrico entre janeiro e fevereiro de 2026. A qualidade dos grãos colhidos é considerada boa, sem registros relevantes de grãos ardidos ou danos por fungos.

A colheita, embora avançando de forma satisfatória, apresentou leve atraso em virtude do alongamento do ciclo de parte dos materiais, decorrente

das baixas temperaturas registradas durante o desenvolvimento inicial da cultura ao longo da primavera.

Paraná: apesar das baixas temperaturas registradas no início do cultivo do cereal, que atrasou o seu desenvolvimento, as condições climáticas foram favoráveis na maioria das lavouras. A colheita avançou em março, alcançando 87% da área estimada no final do mês. A redução das chuvas favoreceu a operação, e os resultados obtidos superam as estimativas iniciais e os obtidos na última safra.

São Paulo: o estado recebeu chuvas constantes na primeira quinzena de março, o que atrasou a maturação e o avanço da colheita. No final de março, 40% das áreas haviam sido colhidas, bem abaixo das médias das últimas safras. Mesmo assim, as produtividades obtidas têm superado as estimadas inicialmente.

Mato Grosso do Sul: na região oeste, os primeiros talhões semeados atingiram a maturação. Já aqueles implantados tardiamente passaram por forte ataque da lagarta-do-cartucho, com necessidade de repetidas intervenções fitossanitárias para manter o índice populacional da praga dentro do grau de dano econômico e ao final do período, com estas lavouras iniciando o enchimento de grãos, a ocorrência de lagarta da espiga também exigiu manejo corretivo.

Na região norte, a cultura encontra-se em fase reprodutiva avançada, com lavouras predominantemente entre enchimento de grãos e maturação fisiológica, principalmente nas áreas implantadas em dezembro. As lavouras evoluíram de forma satisfatória, beneficiadas principalmente pelas chuvas ocorridas em fevereiro, que foram importantes durante o período de florescimento e início do enchimento de grãos. Em março, a irregularidade das chuvas e as temperaturas elevadas aumentaram a evapotranspiração

e aceleraram o ciclo das plantas, favorecendo o avanço para a maturação. De maneira geral, o potencial produtivo da cultura permanece dentro do esperado.

Mato Grosso: as lavouras remanescentes em campo encontram-se em fase final de maturação, com a colheita em estágio bastante avançado na maior parte da área total. O manejo fitossanitário eficiente, especialmente contra a cigarrinha-do-milho, garantiu a sanidade das plantas ao longo do ciclo. Devido ao pacote tecnológico adotado, as áreas consolidaram uma produtividade média elevada de acordo com as expectativas iniciais.

Goiás: o bom regime de chuvas registrado em outubro, novembro, dezembro e janeiro proporcionou condições ideais para o desenvolvimento das lavouras em Goiás. A disponibilidade hídrica adequada em todas as fases da cultura resultou em um crescimento ideal das plantas, com uma excelente sincronização na polinização e um enchimento de grãos satisfatório. A maior parte das lavouras encontra-se atualmente na fase de maturação. O início da colheita está um pouco mais avançado na região sudoeste, atingindo 55% das áreas, e as demais áreas devem ser colhidas durante abril.

Distrito Federal: a colheita já foi iniciada, com 20% da área colhida, estando a maioria das áreas em campo em maturação. Apesar do atraso inicial na regularização das chuvas em novembro, elas se regularizaram e foram suficientes para proporcionar condições ideais de desenvolvimento do cereal. As produtividades obtidas se aproximam das obtidas no último ciclo.

Bahia: as lavouras apresentam bom desenvolvimento e são beneficiadas pela regularidade das chuvas. No entanto, a infestação de cigarrinhas e lagartas têm preocupado o produtor, mas não há relatos de perdas produtivas e sim de aumento de custo de produção com o aumento de aplicações de defensivos. As lavouras encontram-se em fase de enchimento de grãos,

maturação e colheita. As chuvas ocorridas no último mês geraram boas condições às lavouras, havendo sinalização de alta na produtividade.



Foto 8 - Milho 1ª safra sequeiro - Colheita - Barreiras-BA

Fonte: Conab.

Maranhão: o plantio da primeira safra de milho foi realizado entre novembro de 2025 e fevereiro de 2026, e as lavouras encontram-se em desenvolvimento vegetativo, floração, enchimento de grãos e início de maturação. As chuvas regulares de fevereiro beneficiaram todas as regiões produtoras. A colheita dos grãos de milho está prevista para ocorrer entre abril e agosto de 2026.

Piauí: nesta safra, as condições climáticas têm se mostrado favoráveis para a cultura, favorecendo o bom desenvolvimento das lavouras, embora tenha acontecido atrasos no início da semeadura por conta da irregularidade das chuvas. Com algumas áreas plantadas mais cedo, já em maturação, a colheita deverá começar no fim de abril, com boas perspectivas de produtividade.

Paraíba: o plantio alcançou 40% da área estimada durante o levantamento, e as condições das lavouras se dividem entre boa e regular devido ao ataque de pulgão e ataque severo de lagartas, principalmente no sertão, com necessidade de replantio em alguns talhões.

Pernambuco: a cultura está em fase de germinação e desenvolvimento vegetativo, e em algumas áreas constatamos ataque de lagarta do cartucho (*Spodoptera frugiperda*). A intensidade e frequência das chuvas tem favorecido ao desenvolvimento do cereal na maioria do estado.

Rondônia: a colheita já foi finalizada, e as produtividades obtidas superaram as estimativas iniciais.

Pará: restando poucas lavouras para colher, o milho safra teve bom desenvolvimento, favorecido pelas condições climáticas favoráveis, porém seu rendimento é menor que a projeção do milho safrinha, devido ter menos investimentos, pois quem o produz, em sua maioria, são médios produtores e agricultores familiares.

Tocantins: as chuvas foram regulares durante o ciclo da cultura e, devido ao calendário estendido de cultivo, algumas áreas já foram colhidas enquanto outras entraram no estágio de enchimento de grãos.



Foto 9 - Milho 1ª safra- Enchimento de grãos - Barra do Ouro-TO

Fonte: Conab.











QUADRO 5 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS - MILHO PRIMEIRA SAFRA

Legenda - Condição hídrica			
 Favorável	 Baixa Restrição - Falta de Chuva	 Baixa Restrição - Excesso de Chuva	 Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	 Média Restrição - Falta de Chuva	 Média Restrição - Excesso de Chuva	 Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	 Alta Restrição - Falta de Chuva	 Alta Restrição - Excesso de Chuva	 Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção* %	Milho primeira safra - Safra 2025/26												
			AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	
PA	Sudeste Paraense	2,69				S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C					
TO	Ocidental do Tocantins	0,80						S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Oriental do Tocantins	0,58						S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M	EG/M/C	M/C	C	
MA	Oeste Maranhense	1,84							S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Leste Maranhense	0,46							S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Sul Maranhense	4,29							S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
PI	Sudoeste Piauiense	5,30				S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
BA	Extremo Oeste Baiano	7,38			S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
MT	Norte Mato-grossense	0,80			PS	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C				
GO	Centro Goiano	0,59			S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M	C	C			
	Leste Goiano	2,35			S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M	C	C			
	Sul Goiano	2,38			S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C	C			
DF	Distrito Federal	0,59			S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C	C			
MG	Noroeste de Minas	2,34			S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C	C			
	Norte de Minas	0,73			S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C	C			
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	5,19			S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C	C			
	Metropolitana de Belo Horizonte	0,45			S/E/DV	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C	C			
	Oeste de Minas	1,66			S/E/DV	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C	C			
	Sul/Sudoeste de Minas	4,23			S/E/DV	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C	C			
	Campo das Vertentes	2,35			S/E/DV	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C	C			
	Zona da Mata	0,62			S/E/DV	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C	C			
SP	São José do Rio Preto	0,52			S/E/DV	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C				
	Ribeirão Preto	0,51			S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C				
	Bauru	0,97			S/E/DV	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C				
	Campinas	1,34			S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C				
	Itapetininga	1,96			S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C				
	Macro Metropolitana Paulista	0,69			S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C				
PR	Centro Oriental Paranaense	2,64		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C				
	Oeste Paranaense	0,65		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C				
	Sudoeste Paranaense	1,15		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C				
	Centro-Sul Paranaense	2,98		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C				
	Sudeste Paranaense	1,93		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C				
	Metropolitana de Curitiba	1,32		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C				
SC	Oeste Catarinense	4,36		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	C			
	Norte Catarinense	1,15		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C			
	Serrana	1,27		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C			
	Vale do Itajaí	0,59		S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C	C			
	Sul Catarinense	0,48		S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C	C			

Continua

Legenda - Condição hídrica

 Favorável	 Baixa Restrição - Falta de Chuva	 Baixa Restrição - Excesso de Chuva	 Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	 Média Restrição - Falta de Chuva	 Média Restrição - Excesso de Chuva	 Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	 Alta Restrição - Falta de Chuva	 Alta Restrição - Excesso de Chuva	 Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção* %	Milho primeira safra - Safra 2025/26											
			AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
RS	Noroeste Rio-grandense	11,63	S/E	S/E/DV	E/DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	C		
	Nordeste Rio-grandense	3,12		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C		
	Centro Ocidental Rio-grandense	0,82	S/E	S/E/DV	E/DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	C		
	Centro Oriental Rio-grandense	1,48		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	C		
	Metropolitana de Porto Alegre	0,58		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C		
	Sudoeste Rio-grandense	1,59		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C		
	Sudeste Rio-grandense	0,50		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C		

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2024) / Conab.

MILHO SEGUNDA SAFRA

TABELA 11 - MILHO SEGUNDA SAFRA

SAFRA		ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2019/20		13.755,9	5.456	75.053,2
2020/21		14.999,6	4.050	60.741,6
2021/22		16.369,3	5.247	85.892,4
2022/23		17.192,7	5.954	102.365,1
2023/24		16.437,4	5.479	90.057,8
2024/25		17.427,9	6.499	113.271,4
2025/26	Mar./26	17.761,5	6.105	108.434,8
	Abr/26	17.792,3	6.133	109.118,3

Fonte: Conab.

A redução das chuvas e o avanço da colheita da soja permitiram um grande avanço na implantação da segunda safra de milho 2025/26, e avançou para 99,2% da área estimada de cultivo. Restam áreas pontuais em São Paulo, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul e Pará.

Apesar do atraso inicial do plantio em janeiro e parte de fevereiro, devido ao excesso de chuvas e atraso na colheita da soja, grande parte das áreas foi semeada no período ideal de cultivo. As condições climáticas favoreceram o desenvolvimento inicial da cultura na maioria das áreas. Apenas algumas regiões do Paraná e Mato Grosso do Sul tiveram períodos de falta de chuva, e alguns talhões chegaram a manifestar sintomas de déficit hídrico.

A estimativa de área e produção, neste levantamento, foram ajustadas para o cultivo de 17,8 milhões de hectares e colheita estimada em 109,1 milhões de toneladas do cereal.

ANÁLISE ESTADUAL

Mato Grosso: os registros pluviométricos apresentaram chuvas em intensidade e frequência satisfatórios, o que favoreceu o desenvolvimento inicial do milho. A janela de plantio foi encerrada, com atraso em regiões estratégicas, compensada por um incremento de área em diversos municípios. A safra apresenta uma nítida variabilidade no desenvolvimento fisiológico das lavouras, desde a germinação até o florescimento avançado. Essa heterogeneidade reflete o risco assumido pelo produtor ao plantar fora da janela ideal.

Paraná: em março, o clima no estado foi marcado pela transição para o outono, apresentando uma redução gradual nas chuvas e a manutenção de temperaturas elevadas, cenário que exigiu cautela no cultivo. Enquanto as lavouras plantadas no cedo aproveitam a umidade residual para o desenvolvimento vegetativo e início de florescimento, o atraso no plantio elevou o risco de estresse hídrico e aumentou a pressão de pragas como a cigarrinha. No final de março, a semeadura já alcançava 90% da área estimada de cultivo, com a maioria delas apresentando bom desenvolvimento.

Entretanto, algumas áreas do oeste do estado têm sentido os efeitos da redução das chuvas e já manifestavam sintomas de deficit hídrico.

Mato Grosso do Sul: a semeadura seguiu conforme a evolução da colheita da soja, mesmo em períodos e localidades onde as condições climáticas apresentaram restrições em alguns momentos, não sendo relatados problemas com estande e/ou perda de potencial produtiva. O estágio predominante do cereal é o vegetativo, no entanto, a alta incidência de lagarta *spodoptera* vem aumentando o número de aplicações de defensivos e, conseqüentemente, os custos do produtor, visto que os híbridos cultivados não apresentaram a eficiência esperada. As primeiras pulverizações de fungicidas já ocorrem nas lavouras de maior investimento, bem como a aplicação de nitrogênio em cobertura.



Foto 10 - Milho 2ª safra - Desenvolvimento vegetativo - Naviraí-MS

Fonte: Conab.

Goiás: a área cultivada com milho safrinha reduziu em relação às estimativas iniciais, sendo agora estimadas em 1.750 mil hectares. A redução é motivada

pelo exaurimento da janela ideal de plantio em todo o estado. O plantio avançou em março devido às condições climáticas favoráveis, porém parte das áreas foi semeada fora da época ideal. A maioria das lavouras encontra-se em boas condições, sendo favorecidas pela boa disponibilidade hídrica no solo, além de luminosidade satisfatória entre os períodos chuvosos.

Minas Gerais: devido ao atraso da colheita da soja, foi registrado nesta safra um menor percentual de lavouras semeadas ainda dentro da janela ideal de plantio. O plantio até o levantamento atingiu 84% da área estimada e foi registrado uma redução na área cultivada de 6,8% em relação à safra passada. Mesmo com as temperaturas mais amenas, o cenário é de pressão de cigarrinha sobre as lavouras desde esse início de ciclo. Também registra-se que parte das lavouras encontra-se amarelecida devido ao tempo nublado, o que tem proporcionado baixa taxa fotossintética.

São Paulo: as chuvas frequentes retardaram a colheita da soja, conseqüentemente, o plantio do milho segunda safra. Com a redução das chuvas na segunda quinzena de março, os trabalhos avançaram e estão um pouco abaixo das médias dos últimos cultivos.

Distrito Federal: o plantio foi finalizado, e as lavouras se encontram em estádios de início de desenvolvimento vegetativo e florescimento, apresentando bom desenvolvimento e favorecido pelas condições climáticas favoráveis.

Maranhão: o plantio da segunda safra de milho foi realizado em municípios da região sul do estado, em fevereiro e março de 2026, após a colheita de soja. Essa operação foi finalizada na segunda quinzena de março, com parte da área plantada fora da janela ideal de plantio, que é até o dia 10 de março, devido à irregularidade das chuvas em outubro e novembro de 2025 e conseqüente atraso no plantio da soja, nessa região. Esse atraso no plantio

também resultou na redução da área de cultivo, com o produtor optando por outras culturas menos susceptíveis a deficit hídrico.

Piauí: nesta safra, embora tenha ocorrido chuvas no terceiro decêndio de outubro, com início conseqüentemente da semeadura da soja, havia perspectiva de aumento significativo de área, porém deve confirmar redução de área devido a irregularidades das chuvas em novembro e dezembro, situação que prolongou a semeadura da soja, impactando assim na janela ideal de plantio da segunda safra. A semeadura foi iniciada no segundo decêndio de fevereiro e já se encontra praticamente finalizada, restando apenas poucas áreas, e as lavouras seguem se estabelecendo em boas condições.

Rio Grande do Norte: após um início de estação chuvosa irregular, as precipitações se regularizaram em fevereiro e março, e o plantio se encaminha para a finalização. As lavouras apresentam bom desenvolvimento inicial, sem relatos de pragas e doenças que possam comprometer o potencial produtivo.

Tocantins: após um início de semeadura lento, devido ao atraso no plantio da soja, e conseqüente atraso na colheita, o plantio avançou no final de fevereiro e início de março, tendo sido finalizado no último decêndio deste mês. Em alguns municípios tradicionais de cultivo do cereal, como Campos Lindos, no nordeste do estado, muitos produtores realizaram o plantio fora da janela ideal e com redução nos investimentos na cultura. Atualmente, a maioria das áreas se encontram em desenvolvimento vegetativo, mas as áreas semeadas em janeiro, em Caseara e Paraíso, já entraram nos estádios reprodutivos. A maiorias das lavouras apresentam bom desenvolvimento e são favorecidas pelas condições climáticas favoráveis.















Foto 11 - Milho 2ª safra - Desenvolvimento vegetativo - Cariri-TO

Fonte: Conab.

Rondônia: as condições gerais para o desenvolvimento da cultura são consideradas promissoras, com bons níveis de umidade no solo, que favorece o desenvolvimento inicial e crescimento da cultura, impulsionadas por chuvas regulares e altos investimentos. O plantio começou lento, devido ao excesso de precipitações, mas os produtores souberam aproveitar as janelas de tempo seco para avançar na semeadura. A maioria das áreas foi semeada na janela ideal de cultivo e apresentam bom desenvolvimento, com as primeiras áreas já entrando em florescimento.

Pará: as precipitações ocorridas no estado continuaram frequentes em março e favoreceram as lavouras em todas as regiões produtoras. Nos polos da BR-163 e Redenção, o plantio foi finalizado, e as primeiras áreas semeadas já entraram nos estádios reprodutivos. Nos polos de Santarém e Paragominas, que possuem um calendário diferenciado de plantio, ele ainda ocorre, devendo ser finalizado em meados de abril.

QUADRO 6 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS - MILHO SEGUNDA SAFRA

Legenda - Condição hídrica							
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
			Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
			Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção* %	Milho segunda safra - Safra 2025/26									
			JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	
RO	Madeira-Guaporé	0,33		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/MC	M/C	C		
	Leste Rondoniense	1,51		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/MC	M/C	C		
PA	Baixo Amazonas	0,19		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/MC	EG/MC	M/C	C	
	Sudeste Paraense	0,83	S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/MC	EG/MC	M/C	C	
TO	Ocidental do Tocantins	0,77	S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	M/C			
	Oriental do Tocantins	1,28	S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	M/C			
MA	Sul Maranhense - MA	0,83		S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C			
PI	Sudoeste Piauiense	0,33		S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C		
MT	Norte Mato-grossense	35,44	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Nordeste Mato-grossense	9,15	S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C		
	Sudoeste Mato-grossense	0,45	S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C		
	Centro-Sul Mato-grossense	0,73	S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C		
	Sudeste Mato-grossense	6,39	S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C		
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul	1,73	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C	
	Leste de Mato Grosso do Sul	1,03	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C	
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	5,78	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	
GO	Norte Goiano	0,20	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C		
	Centro Goiano	0,60	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C		
	Leste Goiano	1,36	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C		
	Sul Goiano	10,68	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C		
DF	Distrito Federal	0,21	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C		
MG	Noroeste de Minas	0,68	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M	M/C	C		
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	1,18	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C		
	Sul/Sudoeste de Minas	0,36		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C		
SP	Assis	1,05			S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C	
	Itapetininga	0,61			S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C	
PR	Noroeste Paranaense	0,60	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C		
	Centro Ocidental Paranaense	2,88	S/E	S/E/DV	E/DV	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C		
	Norte Central Paranaense	3,86		S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	
	Norte Pioneiro Paranaense	1,44		S/E	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	
	Centro Oriental Paranaense	0,19	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	
	Oeste Paranaense	4,62	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C		
	Sudoeste Paranaense	0,39	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C		

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: *IBGE (PAM 2024)/Conab.

MILHO TERCEIRA SAFRA

TABELA 12 - MILHO TERCEIRA SAFRA

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2019/20	595,6	2.734	1.628,5
2020/21	662,1	3.341	2.211,9
2021/22	637,1	3.664	2.334,6
2022/23	650,1	3.868	2.514,9
2023/24	635,1	4.714	2.993,6
2024/25	Mar./26	587,8	2.485,3
	Abr./26	587,8	2.485,3

Fonte: Conab.

OFERTA E DEMANDA

A Conab prevê uma colheita histórica de milho na safra 2024/25, com produção total estimada em 141,16 milhões de toneladas, o maior volume já registrado no país. Este desempenho expressivo é resultado da combinação entre ganhos de produtividade no campo e a expansão da área dedicada ao milho de segunda safra.

No mercado interno, o consumo previsto para 2025 é de 90,56 milhões de toneladas, um acréscimo de 7,8% em relação à safra anterior. Esse crescimento é atribuído principalmente ao aumento da utilização do milho na produção de etanol, que vem ganhando cada vez mais relevância no setor energético.

Quanto ao comércio internacional, o volume está consolidado em 1,8 milhão de toneladas na safra 2024/25. As exportações, por sua vez, atingiram 41,6 milhões de toneladas na mesma safra, impulsionadas pela ampla oferta interna e pela maior demanda internacional pelo grão. Ao final da safra, os estoques de milho devem alcançar 12,69 milhões de toneladas em fevereiro de 2026.

Para a safra 2025/26, as projeções indicam expansão da área plantada, tanto na primeira como na segunda safra. Na safra de verão, espera-se um crescimento de 8,8% na área cultivada, revertendo a tendência de queda dos últimos anos. Esse avanço foi motivado por perspectivas, no momento de definição de área, de preços mais favoráveis no primeiro semestre de 2026 e pela possível ampliação da procura por milho brasileiro.

Na segunda safra, a tendência de crescimento persiste, com projeção de aumento de 2,1% na área plantada. Essa expansão é sustentada pela continuidade do modelo produtivo soja-milho, economicamente atrativo. No entanto, uma esperada queda de 5,6% na produtividade deverá provocar uma redução de 3,6% na produção total da segunda safra.

Com isso, a produção total de milho para 2025/26 deverá atingir 139,6 milhões de toneladas, representando um recuo de 1,1% em comparação com o ciclo anterior. Essa ligeira retração está relacionada ao elevado nível de produtividade registrado na safra anterior, beneficiada por condições climáticas particularmente favoráveis.

No panorama de abastecimento, a safra 2025/26 deverá registrar um avanço de 4,5% no consumo doméstico, impulsionado pela maior demanda da indústria de etanol. As exportações continuarão em patamar elevado, apoiadas pelo bom desempenho produtivo. Por fim, os estoques de passagem devem apresentar comportamento próximo da estabilidade em relação ao ciclo anterior.

TABELA 13 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL*
2019/20	13.186,6	102.586,4	1.453,4	117.226,4	67.021,4	34.892,9	15.312,1
2020/21	15.312,1	87.096,8	3.090,7	105.499,6	71.168,6	20.815,7	13.515,3
2021/22	13.515,3	113.130,4	2.615,1	129.260,8	74.534,6	46.630,3	8.095,9
2022/23	8.095,9	131.892,6	1.313,2	141.301,7	79.466,0	54.634,4	7.201,3
2023/24	7.201,3	115.534,6	1.644,7	124.380,6	83.997,7	38.500,9	1.882,0
2024/25	1.882,0	141.157,6	1.845,8	144.885,4	90.564,8	41.631,5	12.689,1
2025/26	mar/26	12.689,1	138.270,3	1.700,0	152.659,4	94.564,5	11.594,9
	abr/26	12.689,1	139.571,9	1.700,0	153.961,0	94.648,1	12.812,9

Fonte: Conab.

Nota: *Estimativa em abril/2026.

Para mais informações sobre o progresso da safra de milho, [clique aqui](#).



SOJA

ÁREA

48.472,7 mil ha

+2,4%

PRODUTIVIDADE

3.696 kg/ha

+2,0%

PRODUÇÃO

179.151,6 mil t

+4,5%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab.

TABELA 14 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - SOJA

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)	
2019/20	37.361,6	3.382	126.373,8	
2020/21	39.762,0	3.525	140.179,3	
2021/22	41.793,8	3.130	130.828,7	
2022/23	44.514,7	3.575	159.154,3	
2023/24	46.095,9	3.282	151.283,4	
2024/25	47.346,1	3.622	171.480,5	
2025/26	Mar./26	48.434,8	3.672	177.846,7
	Abr./26	48.472,7	3.696	179.151,6

Fonte: Conab.

ANÁLISE DA CULTURA

A redução das precipitações em março garantiu melhores condições de campo para que a colheita pudesse evoluir. Na primeira semana de abril ela alcançou 82,1% da área estimada de cultivo, e os resultados obtidos já confirmam mais um recorde de produção da oleaginosa.

Em Mato Grosso, a colheita está praticamente finalizada, restando apenas área pontuais. Em Goiás e Mato Grosso do Sul, ela teve um grande avanço

no período. Na Bahia, Tocantins, Piauí e Maranhão, o excesso de chuvas durante alguns dias de março chegou a paralisar os trabalhos de campo, mas sem comprometer as produtividades.

No Rio Grande do Sul, o retorno das chuvas, mesmo que irregular, ajudou na recuperação das lavouras que estavam em enchimento de grãos, mas não reverteu as perdas nas lavouras mais adiantadas.

Neste levantamento, a área cultivada de soja está estimada em 48.472,7 mil hectares e a produção está estimada em 179.152 mil toneladas, 4,5% superior à da safra 2024/25, e mais um recorde de produção da soja no Brasil.

ANÁLISE ESTADUAL

Mato Grosso: a ocorrência de chuvas recorrentes alternadas com períodos de sol permitiu um ritmo acelerado na colheita da soja na maior parte de Mato Grosso, que se encaminha para a finalização. Entretanto, excessos registrados em localidades pontuais comprometeram a qualidade de alguns lotes colhidos. Mesmo assim, o rendimento estadual tem se mostrado condizente com as estimativas iniciais e com boa qualidade dos grãos no saldo final da safra.

Rio Grande do Sul: iniciou a colheita da principal cultura de grãos do estado. As condições meteorológicas ao longo do ciclo da cultura não foram adequadas, e o resultado obtido nas lavouras foi aquém do esperado pelos produtores. A operação já foi realizada em 22% da área, com produtividades muito variadas em razão da irregularidade espacial e volumétrica das chuvas. Apesar de ainda irregulares, março apresentou regime pluviométrico mais adequado para a cultura em relação a janeiro e fevereiro. Assim, a expectativa de produtividade da cultura está mantida em 2.769 kg/ha neste mês.

Na região da Campanha, as lavouras que já foram colhidas, semeadas no início e com uso de irrigação, apresentam produtividades em torno de 3.000 kg/ha. Por outro lado, em lavouras de sequeiro, a produtividade estimada é de 2.000 kg/ha, evidenciando impacto significativo da restrição hídrica.

No Planalto Médio, os impactos da estiagem foram mais severos. A estiagem coincidiu com o período de floração e enchimento de grãos, altamente sensível ao deficit hídrico, provocando abortamento de flores e vagens, além de redução no peso dos grãos. Em algumas lavouras as perdas chegam a 80%. No Alto Uruguai e Missões, como resultado do deficit hídrico, as plantas apresentam baixa estatura, formação irregular de estande, poucas vagens por nó, vagens com falhas de grãos e grãos pequenos. Nestas regiões as estimativas de produtividade média final são inferiores a 2.000 kg/ha.

Diferente de outras safras, na região do Planalto Superior se observa restrição hídrica mais acentuada que no Planalto Médio, e a expectativa de produtividade está próxima de 3.000 kg/ha, muito inferior ao potencial da cultura no campo, que supera facilmente os 4.000 kg/ha na região. Em termos de estado, além da área colhida (22%), onde se observam as maiores perdas, boa parcela das lavouras está em maturação (40%) e deverão ser colhidas nas próximas semanas, quando deve ocorrer o pico da colheita. As lavouras em enchimento de grãos (33% da área total) tiveram seu florescimento após os momentos mais críticos de restrição hídrica e ainda apresentam potencial produtivo razoável, mas dependem de novas chuvas no início de abril para confirmação do potencial. As demais áreas foram semeadas mais tarde e apresentam potencial reduzido de produtividade, já considerado nas estimativas iniciais.

Paraná: em março, o encerramento do ciclo da soja foi marcado por um cenário de luminosidade reduzida e instabilidade climática. O mês registrou excesso de nebulosidade e episódios de temperaturas mais baixas, fatores que prejudicaram

a taxa fotossintética das plantas em fases críticas. Somado a ocorrências de granizo e volumes de precipitação irregulares em algumas regiões, o estresse abiótico impediu que a cultura expressasse seu potencial produtivo máximo justamente no momento do enchimento de grãos e maturação. Apesar desses eventos, as produtividades alcançadas superam as estimadas inicialmente e superam as obtidas no último ciclo. No final do mês, a colheita já alcançava 82% da área semeada, e a qualidade dos grãos está sendo satisfatória.

Nas áreas de safrinha, cultivadas após a colheita do feijão e do milho primeira safra, as lavouras apresentam bom desenvolvimento, com plantas desde o estágio de desenvolvimento vegetativo até o início de enchimento de grãos.

Mato Grosso do Sul: a cultura entrou na fase final do ciclo, com forte avanço da colheita após o primeiro decêndio de março, período em que se concentrou a maior parte das operações nas propriedades. De forma geral, ao longo do mês, as áreas remanescentes encontravam-se predominantemente em maturação fisiológica e colheita, restando 5% da área total em fase final de enchimento dos grãos.

Com relação à produtividade, observa-se que os resultados gerais ficaram acima da média da safra anterior, com exceção de lavouras pontuais de municípios da região norte - Chapadão do Sul, Costa Rica e Paraíso das Águas. Essa redução está associada, principalmente, à ocorrência de um período de estiagem combinado com temperaturas elevadas durante janeiro, fase em que parte significativa das lavouras se encontrava em florescimento e início de formação de vagens, estádios sensíveis ao estresse hídrico e térmico.

Além disso, nesse período, as ondas de calor anteciparam a maturação de muitas lavouras nos municípios que cultivaram tardiamente, podendo ter gerado perda de peso dos grãos, algo que será possível avaliar somente após a conclusão da colheita. Do ponto de vista fitossanitário, a pressão de percevejos

foi moderada nas áreas colhidas mais tardiamente, enquanto doenças foliares tiveram menor impacto nesta fase final do ciclo.



Foto 12 - Soja - Colheita - Antônio João-MS

Fonte: Conab.

Goiás: a colheita atingiu a fase final, com mais de 90% da área total já colhida em todas as regiões do estado. As áreas remanescentes, localizadas principalmente no leste, oeste e norte, apresentam um calendário de plantio mais tardio e cultivares de ciclo mais longo, encontrando-se em fase final de maturação. As produtividades da safra se mantêm em níveis satisfatórios, em linha com o levantamento anterior. Embora alguns municípios tenham registrado pequenas quedas na produtividade, essas áreas marginais, com solos mais arenosos, ainda contribuem de forma significativa para o volume total da produção.

Na região sudoeste, a colheita da soja está praticamente finalizada, e as lavouras remanescentes representam áreas marginais, que não devem receber cultivos de segunda safra. Na região leste, as chuvas geraram atrasos operacionais e, em consequência de alguns problemas logísticos especialmente na primeira quinzena de março, a colheita da soja avançou em ritmo lento a moderado.

Permanecem os relatos de grãos ardidos e avariados (cerca de 10%), grãos colhidos com alta umidade exigindo passar pelo secador, filas de caminhões nos armazéns e preço alto do óleo diesel em todos os municípios. A área plantada permanece em 5.153 mil hectares, e a produtividade média ponderada atualizada é de 3.918 kg/ha.

Minas Gerais: conforme já foi relatado em fevereiro, as chuvas constantes continuaram dificultando as operações de colheita, de maneira que à época do levantamento apenas 64% da área estava colhida, contra 86% no mesmo período de 2025 em Minas Gerais. Refletindo essa situação, muitos produtores estão sofrendo deságio devido à elevada percentagem de grãos ardidos, o que reduz ainda mais a margem.

Para tentar captar uma melhor janela de plantio das culturas de segunda safra, foi notado que parte da soja tem saído do campo com umidade mais elevada, o que impacta os custos do produtor e diminui o ritmo de descarga nos armazéns. Uma vez que a descarga foi mais lenta, não foi raro a operação de campo parar por falta de caminhões. Nas principais regiões produtoras do estado, observou-se que a soja chegou em ponto de colheita de uma vez, e os elevados volumes de chuva agravaram a questão logística da colheita, o que tem aumentado as perdas. Mesmo assim, as estimativas de produtividade superam as iniciais.

Santa Catarina: a colheita avança no estado, com bom desempenho das lavouras. No Planalto Norte, as condições climáticas ao longo do ciclo foram favoráveis, com adequada distribuição de chuvas, contribuindo para o crescimento vegetativo, formação de vagens e grãos, resultando em lavouras com boa qualidade. Em contrapartida, no Planalto Sul, especialmente nas áreas próximas à divisa com o Rio Grande do Sul, a ocorrência de baixos índices pluviométricos durante janeiro e fevereiro, com totais entre 50 e 75 mm — abaixo da média esperada — e distribuição irregular das chuvas resultou em

perdas pontuais de produtividade. Os rendimentos obtidos refletem essa variabilidade climática.

No aspecto fitossanitário, observa-se ocorrência de ferrugem asiática em baixos níveis e presença de percevejos, sob controle. Nas regiões do leste, a maior umidade favoreceu o enchimento de grãos, mas aumentou a pressão de doenças foliares, enquanto no oeste houve leve restrição hídrica pontual. No geral, as produtividades são consideradas satisfatórias e estão ligeiramente abaixo das registradas na última safra.

São Paulo: as lavouras se mantiveram em boas condições durante em praticamente todo o ciclo, favorecidas pelas boas condições climáticas. Após um início de colheita lento, devido à persistência das precipitações, os trabalhos de campo aceleraram em março, alcançando 75% da área no final do mês. As produtividades são consideradas satisfatórias e superam as estimadas inicialmente.

Distrito Federal: durante o levantamento, a colheita da cultura já superava 75% da área de cultivo, levemente atrasada se comparada com a safra passada, devido ao excesso de chuvas. Algumas lavouras foram acometidas com mofo branco que surgiram em reboleiras, mas foram controladas. As produtividades obtidas superaram as obtidas na última safra e são um reflexo das boas condições climáticas durante o ciclo da oleaginosa e ao pacote tecnológico empregado pelos produtores.

Bahia: a colheita da soja irrigada está praticamente finalizada. Os resultados obtidos foram inferiores às expectativas iniciais e isso é atribuído a alta nebulosidade ocorrida em dezembro de 2026 e à antecipação da colheita (dessecação) devido à necessidade do plantio do algodão. As lavouras de sequeiro se apresentam em fase de enchimento de grãos e maturação, e a colheita alcançou 60% da área cultivada no final de março. Os resultados obtidos

são considerados satisfatórios e, em algumas áreas, superiores aos obtidos na safra passada.

Maranhão: na região sul do estado, nos Gerais de Balsas, a colheita da soja foi iniciada em fevereiro e alcançou 80% da área semeada no final do levantamento. Ainda no sul, nas regiões das Chapadas das Mangabeiras e de Porto Franco; e no leste do estado, em municípios das Chapadas do Alto Itapecuru, a colheita está em torno de 30%. Ela segue com atraso em comparação ao ano anterior devido ao atraso de plantio da soja em razão da irregularidade das chuvas no início do plantio, em outubro e início de novembro de 2025. Da mesma forma, houve falta de chuvas no desenvolvimento da cultura, em períodos críticos como a floração e enchimento de grãos em janeiro deste ano. Como consequência disso, temos produtividades heterogêneas, que variaram de 3.300 kg/ha a 4.200 kg/ha. Nessas regiões, o período chuvoso foi bastante intenso entre o final de fevereiro e na primeira semana de março, o que prejudicou fortemente o ritmo da colheita, também refletindo no atraso observado.

No final de março de 2026, a colheita no estado atingiu cerca de 40% da área semeada e deve ocorrer até junho de 2026. Nas regiões oeste, centro e leste do estado, com a ocorrência de chuvas significativas a partir de fevereiro, as lavouras se encontram em boas condições e com relativa recuperação de áreas afetadas pelo veranico ocorrido em janeiro de 2026. A colheita nessas regiões deve ocorrer a partir de abril.

Piauí: a semeadura da cultura no estado acontece em quase sua totalidade em novembro, mas nesta safra o início ocorreu no final de outubro, com o registro das primeiras chuvas. Porém, a partir do início de novembro houve paralisações da semeadura devido à falta de precipitações, operação normalizada no final do mês, com a regularidade das chuvas, e avançou rapidamente em dezembro. Com a redução das chuvas, em março, a colheita avançou, e no final do mês

mais de 50% dos campos haviam sido trilhados. Parte das lavouras em campo ainda se encontram em enchimento de grãos e tem sido favorecida pelos bons volumes de chuva que ainda ocorrem na região. As produtividades são consideradas satisfatórias, e há expectativa de recorde de produtividade nesta safra.

Tocantins: após fevereiro ser extremamente chuvoso, a redução das precipitações em março permitiu um maior avanço na área colhida, que alcançou 73% no final do mês. Em alguns municípios, como Caseara e Marianópolis, ela se aproxima da finalização, enquanto em outros, como Darcinópolis, no norte do estado, ela se prolongará até meados de abril. As produtividades têm sido consideradas regulares pelos produtores, que esperavam números maiores. Entretanto, o excesso de dias nublados durante o enchimento de grãos da oleaginosa reduziu o peso dos grãos, quando comparada ao de outras safras. Apesar disso, neste levantamento a produtividade está estimada em 3.642 kg/ha, rendimento recorde para o estado.



Foto 13 - Soja - Maturação - Divinópolis-TO

Fonte: Conab.

Pará: devido a sua dimensão e localização, o Pará possui um extenso calendário de plantio e colheita. Enquanto a colheita foi finalizada no polo da BR-163 e se aproxima da finalização no polo de Redenção, ela está apenas no começo nos polos de Paragominas e Santarém. Mesmo com essa variabilidade de calendários agrícolas, as condições climáticas foram favoráveis em praticamente todo o ciclo da oleaginosa no estado. As produtividades alcançadas e as estimadas, até o momento, projetam um novo recorde de produtividade para o estado.









Foto 14 - Soja - Enchimento de grãos - Paragominas-PA

Fonte: Conab.

Rondônia: com 84,5% das áreas já colhidas no final do levantamento, a colheita entrou na reta final e deve estar finalizada na primeira semana de abril. Apesar do pequeno atraso no plantio, devido à estiagem e períodos de excesso de precipitações, os resultados obtidos são considerados satisfatórios pelos produtores.

QUADRO 7 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS - SOJA

Legenda - Condição hídrica											
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
UF	Mesorregiões	Produção* %	Soja - Safra 2025/26								
			SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI
RO	Leste Rondoniense	1,13		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	
PA	Sudeste Paraense	2,17		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C
TO	Ocidental do Tocantins	1,70		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	
	Oriental do Tocantins	1,30		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	
MA	Leste Maranhense	0,60			S	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C
	Sul Maranhense	1,46		S	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	
PI	Sudoeste Piauiense	2,57		S	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
BA	Extremo Oeste Baiano	5,29		S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	
MT	Norte Mato-grossense	16,41	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C		
	Nordeste Mato-grossense	5,27		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sudoeste Mato-grossense	0,75	S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C		
	Sudeste Mato-grossense	3,64	S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul	2,00		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	C	
	Leste de Mato Grosso do Sul	1,19		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	C	
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	4,55	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	EG/M/C	C	
GO	Noroeste Goiano	0,74		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Centro Goiano	0,72		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Leste Goiano	1,86		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sul Goiano	7,86		S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C		
MG	Noroeste de Minas	1,41		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	2,67		S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	C	
	Itapetininga	0,77		S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	C	
PR	Centro Ocidental Paranaense	1,54	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	C		
	Norte Central Paranaense	2,08	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Norte Pioneiro Paranaense	0,86	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Centro Oriental Paranaense	1,27		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
	Oeste Paranaense	2,21	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	C		
SC	Sudoeste Paranaense	1,25	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C	
	Centro-Sul Paranaense	1,87		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
	Sudeste Paranaense	0,99		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
	Oeste Catarinense	0,95	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	C	
	Noroeste Rio-grandense	7,54		S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C
RS	Nordeste Rio-grandense	0,79		S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C
	Centro Ocidental Rio-grandense	1,62		S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M/C	M/C	C
	Sudeste Rio-grandense	0,60		S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M/C	M/C	C
	Sudoeste Rio-grandense	1,35		S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M/C	M/C	C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2024) / Conab.

OFERTA E DEMANDA**SAFRA 2025/26****Safra de grãos**

A Conab revisou a estimativa de produção da safra 2025/26, elevando-a para 179,15 milhões de toneladas, o que representa um incremento de 1,3 milhão de toneladas em relação ao levantamento anterior.

Diante do elevado volume projetado para a safra e das perspectivas de exportações aquecidas em 2026, a estimativa de embarques também foi ajustada para cima, com aumento de 1,01 milhão de toneladas, alcançando o recorde de 115,4 milhões de toneladas.

A estimativa de esmagamento sofreu um ajuste de -359 milhões de toneladas, principalmente em virtude do adiamento do aumento da mistura de biodiesel ao diesel no primeiro trimestre. Como ainda não há uma definição sobre quando esse aumento ocorrerá, o volume esmagado pode passar por novas revisões. Assim, os esmagamentos foram ajustados para 60,52 milhões de toneladas.

Os estoques tiveram uma alta de 422 mil toneladas, agora estimados em 9,96 milhões de toneladas.

Estimativa de óleo de soja

A produção de óleo de soja foi reduzida em 73 mil toneladas, passando de 12,23 milhões de toneladas para 12,15 milhões de toneladas. Esse ajuste foi influenciado pela queda de 123 mil toneladas nas vendas ao mercado

interno, que passaram de 10,80 milhões para 10,68 milhões de toneladas. A retração nas vendas está relacionada ao adiamento do aumento da mistura de biodiesel ao diesel, de 15% para 16%.

Estimativa de farelo de soja

A produção de farelo de soja foi reduzida em 247 mil toneladas, em decorrência da menor quantidade de esmagamentos, passando a um volume estimado de 45,64 milhões de toneladas.

As vendas de farelo no mercado interno foram elevadas em 100 mil toneladas, em linha com as estimativas do Sindicato Nacional da Indústria de Alimentação Animal (Sndirações), totalizando 20,4 milhões de toneladas.

Os estoques de passagem de farelo de soja foram reduzidos em 1,5 milhão de toneladas, principalmente em virtude da queda no estoque inicial, estimada em 1,22 milhão de toneladas.

Outras atualizações do quadro de oferta e demanda de soja

1- O processamento da safra 2024/25 foi elevado em 216 mil toneladas, impulsionado pelo aumento das vendas de farelo de soja no mercado interno. Esse crescimento reflete o ajuste no consumo de farelo de soja estimado pelo Sindicato Nacional da Indústria de Alimentação Animal (Sndirações), que passou para 19,75 milhões de toneladas;

2- Foi realizado um ajuste no percentual de conversão de grãos para farelo de soja na safra 2024/25 e, mesmo com o aumento de esmagamentos, a produção de farelo apresentou redução de 227 mil toneladas;

3- As exportações de farelo de soja da safra 2024/25 foram ajustadas em -31 mil toneladas, para refletir os dados divulgados pela Secretaria de Comércio Exterior (Secex);

4- Em razão do ajuste de 820 mil toneladas no consumo de farelo de soja na safra 2023/24, o estoque de passagem de 2024 foi alterado, com reflexo nos estoques de passagem de 2025 e 2026;

5- Com o aumento de esmagamento de soja em grãos na safra 2024/25, a produção de óleo de soja também foi elevada, refletindo em maior estoque de passagem.

TABELA 15 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - SOJA - EM MIL T

PRODUTO	SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
SOJA EM GRÃOS	2024/25	7.231,3	171.480,5	969,0	179.680,8	61.525,0	108.181,1	9.974,8
	2025/26	9.974,8	179.151,6	500,0	189.626,4	64.270,4	115.395,4	9.960,6
FARELO	2024/25	2.589,0	44.233,7	0,1	46.822,8	19.751,2	23.269,2	3.802,4
	2025/26	3.802,4	46.644,7	1,0	50.448,1	20.400,0	24.696,0	5.352,1
ÓLEO	2024/25	465,2	11.765,0	105,2	12.335,5	10.312,0	1.362,9	660,6
	2025/26	660,6	12.153,2	100,0	12.913,8	10.678,0	1.400,0	835,8

Fonte: Conab e Secex.

Nota: Estimativa em abril/2026.

Estoque de passagem 31 de dezembro.

Para mais informações sobre o progresso da safra de soja, [clique aqui](#).



TRIGO

ÁREA

2.220,8 mil ha

- 9,2%

PRODUTIVIDADE

2.979 kg/ha

- 7,5%

PRODUÇÃO

6.616,2 mil t

- 16,0%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab.

TABELA 16 - TRIGO

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2020	2.040,5	2.526	5.154,7
2021	2.341,5	2.663	6.234,6
2022	2.739,3	2.803	7.679,4
2023	3.473,4	2.331	8.096,8
2024	3.058,7	2.579	7.889,3
2025	2.445,9	2.979	7.873,4
2025	Mar./26	2.318,3	6.904,8
	Abr./26	2.220,8	6.616,2

Fonte: Conab.

ANÁLISE DA CULTURA

Os primeiros cultivos foram iniciados em áreas de sequeiro em Goiás, Minas Gerais e Distrito Federal, visto que este último também deu início às áreas irrigadas. Na Região Sul, principal produtora do país, a semeadura está prevista para iniciar a partir de abril.

A redução de 16% na produção do grão decorre, principalmente, da revisão das estimativas iniciais de área no Rio Grande do Sul, com redução de aproximadamente 112 mil hectares. Esse ajuste está associado à intensificação

da estiagem no estado, que provocou perdas nas lavouras de verão, especialmente na soja, agravando a situação financeira dos produtores. Somase a isso, o aumento do risco produtivo, associado às previsões climáticas e à baixa expectativa de rentabilidade, além da elevação nos custos de insumos, como fertilizantes e combustíveis, também pesam na decisão do agricultor.

OFERTA E E DEMANDA

Os preços do trigo subiram no último mês nas principais praças produtoras do Brasil, a saber, Paraná e Rio Grande do Sul. No Paraná, observou-se uma leve desvalorização: o preço passou de R\$ 60,96 em fevereiro para R\$ 62,51 em março, um aumento de 2,55%. No Rio Grande do Sul, os preços seguiram essa tendência de alta: o preço médio subiu de R\$ 55,09 em fevereiro para R\$ 56,76 em março, variação positiva de 3,4%. Esse aumento foi causado por estiagem na área de grande produção norte-americana e problemas causados pelo aumento do frete marítimo, o que gerou uma demanda maior nesse período, visto que pelos baixos preços do trigo nos últimos anos, a produção tende a não ser tão alta em 2026.

No mercado internacional, o cenário segue de grande oferta de trigo e estoques elevados. Porém, questões climáticas nos Estados Unidos e na região do Mar Negro, além das questões geopolíticas no Oriente Médio, que afetou o preço do petróleo e a queda na oferta de fertilizantes no mundo, geraram um cenário no qual os preços agrícolas podem ser afetados positivamente devido à menor oferta no caso de redução de investimento na lavoura. A média mensal fechou com valorização de 4,86%, com a média FOB Golfo (Estados Unidos) cotada a US\$ 274,44 por tonelada. Na Argentina, houve perda de qualidade do trigo em relação à safra passada, e o preço médio de fevereiro ficou em US\$ 225,25 por tonelada.

Além do cenário de queda na previsão da produção de aproximadamente 300 mil toneladas, em comparação ao levantamento anterior, estima-se ainda uma redução nas importações, totalizando 6,652 milhões de toneladas, enquanto que na exportação projeta-se aumento, atingindo 2,052 milhões de toneladas. Estas revisões seguem em linha com o dado preliminar divulgado pela Secex. Desta forma, a previsão é que a safra 2025/26 se encerre com estoques finais de 1,730 milhão de toneladas, colocando a disponibilidade em patamares mais baixos em relação ao consumo interno, num contexto de diversas incertezas acerca da oferta global do trigo para o segundo semestre.

TABELA 17 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - TRIGO - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2019	2.238,4	6.234,6	6.007,8	14.480,8	11.599,0	823,1	2.058,7
2020	2.058,7	7.679,4	6.080,1	15.818,2	11.849,8	3.028,3	940,1
2021	940,1	10.554,4	4.514,2	16.008,7	11.894,1	2.654,0	1.460,6
2022	1.460,6	8.096,8	5.699,8	15.257,2	11.943,6	2.791,0	522,6
2023	522,6	7.889,3	6.822,2	15.234,1	11.890,6	1.872,7	1.470,8
2024*	1.470,8	7.873,4	6.820,6	16.164,8	11.890,6	1.960,1	2.314,1
2025**	mar/25	2.314,1	6.904,8	6.772,4	15.991,3	11.800,8	2.037,0
	abr/26	2.314,1	6.616,2	6.652,8	15.583,1	11.800,8	2.052,0

Fonte: Conab.

Nota: *Estimativa em abril/26.

**Previsão.

Estoque de passagem: trigo 31 de julho.

Para mais informações sobre o progresso da safra de trigo, [clique aqui](#).



OUTRAS CULTURAS DE VERÃO

AMENDOIM

ANÁLISE ESTADUAL

Mato Grosso do Sul: o cenário climático foi favorável ao longo do ciclo, e mesmo com alguns períodos de chuvas expressivos, as lavouras de amendoim não foram impactadas pelo evento, apresentando armazenamento hídrico favorável à cultura.

A colheita da leguminosa segue avançando em todo o estado, devendo ser finalizada no início de maio. De maneira geral, as lavouras se encontram predominantemente em fase de maturação e colheita, com as operações de arranquio e recolhimento dos grãos já realizados em praticamente 60% das lavouras.

Embora as condições atuais se mostrem favoráveis, as precipitações regulares ainda preocupam parte dos produtores que já realizaram o arranquio, visto que, após essa operação, o amendoim fica exposto a céu aberto, sujeitos a brotação e problemas fúngicos, como a aflatoxina.



Foto 15 - Amendoim - Colheita - Santa Rita do Pardo-MS

Fonte: Conab.

Paraná: em março, as regiões produtoras no estado, especialmente no norte e noroeste, foram beneficiadas por uma transição climática marcada pela redução do volume de chuvas e pela predominância de dias ensolarados, o que configura um cenário ideal para o encerramento do ciclo. Essas condições de menor umidade no solo e temperaturas ainda elevadas favorecem a maturação final, permitindo que as operações de arranquio e a secagem natural das vagens no campo ocorressem com agilidade, minimizando riscos fitossanitários e garantindo a qualidade superior dos grãos colhidos.

A colheita atingiu 9% da área, com as lavouras remanescentes distribuídas com 9% em floração, 12% em frutificação e 70% em maturação. Observa-se uma redução de área na região de Paranaíba, devido à migração de produtores para a soja em busca de melhor liquidez.

A produção de amendoim no Paraná está concentrada nos polos de Paranaíba e no Norte Pioneiro, sendo cultivada majoritariamente por agricultores familiares.

Minas Gerais: as lavouras já se encontram em fase de colheita. Em que pese as boas condições climáticas ao final de dezembro, que permitiram uma boa recuperação das lavouras, a continuidade destas, com chuvas de volumes elevados e dias nublados, acabaram comprometendo as lavouras na fase de enchimento de grãos.















Parte do amendoim já colhido e já beneficiado, registra uma queda de produtividade em relação à expectativa inicial. No entanto, boa parte do amendoim já foi arrancado, mas ainda permanece no campo sendo manejado para uma maior perda de umidade.

São Paulo: as condições climáticas registradas durante o ciclo da cultura foram extremamente favoráveis, e a colheita já foi iniciada.

Tocantins: a colheita deve começar na primeira quinzena de abril. As lavouras se concentram no município de Alvorada, centro-sul do estado, e a cultura apresenta ótimo potencial produtivo.

Ceará: as precipitações mais frequentes ocorridas em março têm favorecido o desenvolvimento da cultura, e as primeiras lavouras semeadas já entraram em floração.

QUADRO 8 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS - AMENDOIM

Legenda - Condição hídrica			
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva
			Baixa Restrição - Excesso de Chuva
			Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
			Média Restrição - Falta de Chuva
			Média Restrição - Excesso de Chuva
			Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
			Alta Restrição - Falta de Chuva
			Alta Restrição - Excesso de Chuva
			Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção* %	Amendoim primeira safra - Safra 2025/2026						
			OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR
MG	Leste de Mato Grosso do Sul	5,72	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C
MG	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	6,16	PS	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C
SP	Araçatuba	3,98	PS	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C
	Araraquara	5,69	PS	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C
	Bauru	12,44	PS	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C
	Marília	16,26	PS	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C
	Presidente Prudente	17,50	PS	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C
	Ribeirão Preto	14,96	PS	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C
	São José do Rio Preto	10,08	PS	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: * IBGE (PAM 2024)/Conab.

GERGELIM

Mato Grosso: o clima foi favorável ao desenvolvimento inicial do gergelim. Porém, atrasos por conta das constantes chuvas no início do plantio provocaram atrasos pontuais na semeadura, que já foi finalizada no estado. A cultura tem recebido investimentos em adubação e controle de pragas, o que pode favorecer a produtividade média. Contudo, é possível uma ligeira queda no rendimento em áreas que sofreram atrasos no plantio por conta das constantes chuvas. Um ponto de destaque é a descentralização da cultura, outrora restrita ao Vale do Araguaia, e que tem se espalhado pelo estado, a exemplo da região da BR-163, assim como se expandido para estados vizinhos. Destaca-se que investimentos têm sido realizados no processo produtivo e novos mercados têm sido abertos para o produto mato-grossense.

Pará: o gergelim começou a ser plantado na sucessão da soja, e grande parte das lavouras está em emergência e desenvolvimento vegetativo. As condições de desenvolvimento estão satisfatórias e são favorecidas pelas chuvas constantes.

Tocantins: em março as chuvas foram volumosas e contínuas, dificultando a retirada da soja e a implantação das culturas de safrinha. O plantio alcançou 50% da área estimada e deve ser finalizado no início de abril.

GIRASSOL

Rio Grande do Sul: a colheita foi encerrada em fevereiro, e a área cultivada foi de 6 mil hectares, incremento de 46,3% em relação à safra passada. Este aumento ocorreu pela disponibilidade de sementes, que foi deficitária na safra 2024/25, por permitir o plantio de terceira safra (safrinha) e pelo histórico de bons resultados produtivos e de econômicos nas últimas safras.

Distrito Federal: a cultura encontra-se em fase de plantio e desenvolvimento vegetativo, com área estimada neste levantamento em 600 hectares, semelhante ao cultivado no ciclo passado.

Goiás: a semeadura se aproxima da finalização, e 70% das lavouras estão na fase de desenvolvimento vegetativo. Para a safra atual, a área plantada estimada foi reprojeta para 50 mil hectares, representando um aumento de 6,4% em relação à safra anterior.

Grande parte das operações de plantio ocorreram dentro do calendário ideal, garantindo um bom estabelecimento das lavouras. No sudoeste, cerca de 95% das áreas já foram semeadas, com bom desenvolvimento vegetativo devido à boa disponibilidade de água no solo.

Mato Grosso do Sul: na região sudeste, principal produtor do girassol, o período apresentou acumulados entre 30 mm e 80 mm.

Apesar das chuvas irregulares no início dos cultivos, boa parte das lavouras implantadas são conduzidas sob irrigação por pivô central.

O município de Naviraí, localizado na região sudeste, é o principal produtor da oleaginosa no estado. A cultura foi implantada na safra anterior, demonstrando tolerância à estiagem e à geada, além de oferecer potencial produtivo satisfatório.

Dessa forma, a propriedade segue em fase de semeadura, com as lavouras apresentando estande de plantas e boa sanidade. As áreas mais adiantadas seguem recebendo reforço de Boro, nutriente essencial e deficitário ao bom desenvolvimento da planta.

Mato Grosso: a quantidade de chuvas de acordo com a exigência da cultura foi adequada para o estágio inicial de evolução do girassol. A implantação do girassol foi finalizada no estado. Devido ao clima propício, associado aos tratos culturais, a cultura mostra bom desenvolvimento e promete bom rendimento caso ocorram chuvas razoáveis e bem distribuídas ao longo de abril e início de maio.



Foto 16 - Girassol - Desenvolvimento vegetativo - Naviraí-MS

Fonte: Conab.

O girassol se restringe a área muito pontual no contexto estadual, com a migração das indústrias deste segmento para estados vizinhos e com a logística inviável do ponto de vista interestadual para esta cultura, tendo perdido espaço para outras culturas de segunda safra, como milho, algodão, gergelim e feijão-caupi.

MAMONA

Bahia: na região centro-norte, as lavouras em campo encontram-se em diferentes estádios fenológicos, abrangendo o enchimento de grãos, maturação e colheita. Não foram constatadas perdas expressivas decorrentes da incidência de pragas e doenças. Contudo, verificaram-se perdas significativas, associadas à restrição hídrica nas localidades situadas

na porção norte da região (microrregiões de Jacobina, Senhor do Bonfim, Juazeiro e Itaberaba).

Nas áreas localizadas ao sul e oeste da região (microrregiões de Irecê e Seabra), as chuvas ocorridas no período foram mais regulares, favorecendo o adequado desenvolvimento das lavouras. Nessas áreas, espera-se a obtenção de boas produtividades, a depender do sistema de manejo adotado, seja em consórcio com milho e mamona ou em monocultivo. Entretanto, ocorrem perdas de qualidade e produtividade devido ao excesso de umidade no momento da colheita. No oeste, a cultura apresenta crescimento como alternativa de cultivo irrigado de inverno, acompanhando a expansão das áreas irrigadas na região. A demanda da indústria segue estável, e as cotações em baixa, devido à alta do diesel, houve alta do frete de Irecê para São Paulo.

Ceará: a cultura está praticamente extinta no estado. Apenas em municípios próximos à Canindé ocorre o cultivo, e os produtores costumam vender para atravessadores.



Foto 17 - Mamona sequeiro - Desenvolvimento vegetativo - Morro do Chapéu-BA

Fonte: Conab.

SORGO

Goiás: a semeadura segue ainda em março, com a área total estimada sofrendo um forte reajuste em virtude do término da janela de plantio do milho segunda safra. A área estimada é de pelo menos 558,9 mil hectares, contra o projetado no levantamento anterior, que era de 438 mil hectares. Nesta safra, como os produtores alongaram a janela de cultivo do milho segunda safra, somente na segunda quinzena de março o plantio de sorgo ganhou velocidade. As lavouras recém-semeadas apresentam boas condições de início de ciclo, favorecidas pela umidade satisfatória presente no solo.

Minas Gerais: a grande maioria das lavouras de sorgo foi semeada a partir de março, ou seja, estão no início do desenvolvimento vegetativo e apresentam boas condições. Sem pressões fitossanitárias até o momento, segue-se com um potencial produtivo praticamente constante.

São Paulo: o plantio do cereal acompanha o avanço da colheita da soja, e têm sido a opção de muitos produtores por ser uma cultura com menor custo de produção e com uma menor demanda hídrica para concluir o ciclo.

Mato Grosso do Sul: a cultura está em fase de implantação, sendo observado um aumento significativo na área cultivada, consolidando esta cultura como opção ao milho segunda safra em condições de perda de janela ideal, solos mistos e riscos aos eventos climáticos. De maneira geral, o desenvolvimento inicial do sorgo é considerado satisfatório, e o potencial produtivo da cultura dependerá principalmente do comportamento das chuvas ao longo de abril e maio, período determinante para a consolidação da safra.

Mato Grosso: a implantação do sorgo foi finalizada no estado. Por ocasião do volume de chuvas adequado, o cereal tem mostrado boa evolução na germinação e início do desenvolvimento vegetativo. Apesar da rusticidade inerente à cultura, um volume mínimo de pluviosidade é esperado em abril e maio para que a cultura possa atingir todo seu potencial produtivo.

Distrito Federal: as lavouras encontram-se em diferentes estágios, desde germinação e desenvolvimento vegetativo, com mais da metade da área já semeada. As lavouras apresentam bom estande inicial e desenvolvimento, apesar dos desafios climáticos iniciais, como a falta de chuvas na primeira quinzena de março. A estimativa de área plantada segue tendência de incremento de área.

Bahia: o plantio na região oeste avança de forma acelerada e deve ser finalizado até o fim de março. As lavouras seguem em fase inicial de desenvolvimento vegetativo e apresentam boa qualidade. Com a expectativa da dilatação do período chuvoso, espera-se aumento do cultivo e alta na produtividade.

Maranhão: o plantio no estado ocorreu nos municípios da região sul, após a colheita da soja e do plantio do milho safrinha, em março. As lavouras semeadas têm sido favorecidas pela frequência das chuvas.

Piauí: o plantio se aproxima da finalização no estado, e a maioria das áreas se encontram em desenvolvimento vegetativo, em boas condições.

Tocantins: em março, as chuvas foram volumosas e contínuas, dificultando a retirada da soja e a implantação das culturas de safrinha. O registro de chuvas passou a ser menor a partir da segunda quinzena, o que favoreceu o avanço do plantio, que se aproxima da finalização. A cultura está em emergência e desenvolvimento vegetativo.

Pará: assim, como as demais culturas de segunda safra, o desenvolvimento da cultura é considerado satisfatório, com bons volumes de chuvas ocorrendo nas regiões produtoras. Áreas semeadas no início do cultivo já entraram nos estádios reprodutivos.

QUADRO 9 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS



Foto 18 - Sorgo sequeiro - Florescimento - São Desidério-BA

Fonte: Conab.

DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS- SORGO

Legenda - Condição hídrica			
■ Favorável	■ Baixa Restrição - Falta de Chuva	■ Baixa Restrição - Excesso de Chuva	■ Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	■ Média Restrição - Falta de Chuva	■ Média Restrição - Excesso de Chuva	■ Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	■ Alta Restrição - Falta de Chuva	■ Alta Restrição - Excesso de Chuva	■ Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção* %	Sorgo - Safra 2024/2025								
			JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	AGO
PA	Sudeste Paraense	3,93		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
TO	Ocidental do Tocantins	1,18		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M	M/C	C	
PI	Sudoeste Piauiense	2,44		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
BA	Extremo Oeste Baiano	2,74	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul	2,13		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	1,92		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C
MT	Norte Mato-grossense	2,90		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M	M/C	C	

GO	Centro Goiano	1,25	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M	M/C	C	
	Leste Goiano	7,42	PS	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M	M/C	C	
	Sul Goiano	27,47	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M	M/C	C	
DF	Norte Mato-grossense	2,26		S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M	M/C	C	
MG	Noroeste de Minas	6,00	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	18,80	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C
SP	Araçatuba	1,94		S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Bauru	3,67		S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Campinas	1,09		S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Assis	1,54		S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Itapetininga	1,79		S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: * IBGE (PAM 2022)/Conab.

Para mais informações sobre o progresso da safra das demais culturas de verão, [clique aqui](#).



OUTRAS CULTURAS DE INVERNO

Assim como o trigo, as previsões iniciais das culturas de inverno são baseadas em modelos estatísticos, associadas às previsões climáticas e informações preliminares, por meio da nossa rede de colaboradores.

Além disso, os levantamentos preliminares indicam que a intenção de cultivo deve ser influenciada por fatores como crédito, custos de produção, preços ao produtor, disponibilidade de capital para investimento e risco climático.

Conforme a semeadura avança, as informações de área podem ser atualizadas e, no momento em que as culturas apresentem condições de se estimar a produtividade em campo, de acordo com as fases fenológicas, atualizações de produtividade podem acontecer.

Para mais informações sobre o progresso da safra das demais culturas de inverno, [clique aqui](#).



MINISTÉRIO DO
DESENVOLVIMENTO
AGRÁRIO E
AGRICULTURA FAMILIAR

